



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (FCI)
CURSO DE GRADUAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA**

LUIZA CORREIA LIMA FELIX – 08/35391

**LIVROS ELETRÔNICOS E BIBLIOTECAS:
COMPARTILHANDO ESPAÇOS**

**BRASÍLIA
2011**

LUIZA CORREIA LIMA FELIX

LIVROS ELETRÔNICOS E BIBLIOTECAS:
COMPARTILHANDO ESPAÇOS

Monografia de conclusão de curso apresentada à Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília como requisito a obtenção de título em bacharel em Biblioteconomia sob a orientação do Prof. Dr. Marcílio de Brito.

BRASÍLIA

2011

F3161 FELIX, Luiza Correia Lima.

Livros eletrônicos e bibliotecas: compartilhando espaços /
Luiza Correia Lima Felix. Orientador: Prof. Dr. Marcílio de
Brito. – Monografia (graduação) – Universidade de Brasília,
Faculdade de Ciência da Informação, 2011.

1. E-book. 2. Tablet. 3. E-book reader. 4. E-book – função
social. 5. E-book - bibliotecas. 6. Biblioteconomia.

CDD 020
CDU 027



Universidade de Brasília (UnB)
Faculdade de Ciência da Informação (FCI)

Título: Livros eletrônicos e bibliotecas: compartilhando espaços

Aluna: Luiza Correia Lima Felix

Monografia apresentada à Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos à obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Brasília, 9 de dezembro de 2011

Aprovado por:

Marcílio de Brito – Orientador

Professor da Faculdade de Ciência da Informação
Doutor em Informática Documentária

Ilza Leite Lopes – Membro

Professora da Faculdade de Ciência da Informação
Doutora em Ciência da Informação

Dulce Maria Baptista – Membro

Professora da Faculdade de Ciência da Informação
Doutora em Ciência da Informação

À minha querida irmã Lígia, amiga eterna, companheira
de conversas maravilhosas durante a madrugada

Agradecimentos

Agradeço a Deus.

Agradeço aos meus pais pela disciplina necessária e pelo afeto sem medidas. Agradeço em especial, à minha mãe, pelo apoio e carinho de sempre; e ao meu pai, amante de outras ciências, pelo respeito à minha escolha profissional.

Agradeço à minha avó e às minhas irmãs pelo amor.

A Thiago Braga, pelo carinho incondicional e pela calma e paciência inestimáveis. A ele agradeço também por me mostrar, sempre que preciso, que a informática não é tão complicada quanto parece.

Agradeço ao professor Marcílio, que aceitou ser meu orientador e à professora Ilza, que me ajudou muito durante o processo de escrita desta monografia. A eles agradeço também pela paciência, pelas conversas agradáveis e pela atenção.

Agradeço também à professora Dulce, pelo auxílio à distância durante o período em que estive em Montreal.

Às amigas Tati, Cris e Kaká agradeço pelas conversas, conselhos e cumplicidade. Aos amigos Fernando Viana e Felipe Curvo agradeço pelas alegres distrações nos momentos em que a vida acadêmica parecia mais complicada.

Agradeço muito à bibliotecária Aminata Keita, da Universidade de Montreal, pela paciência e ajuda inestimáveis, sem as quais talvez não chegasse aos resultados positivos deste trabalho.

Agradeço também à Suzanne L'esperance e ao seu marido Gilles, por terem me recebido tão bem em sua casa e por me ajudarem com a língua francesa.

Agradeço à professora Valéria Cintra, sem a qual o meu intercâmbio não teria sido possível e à Isadora Cruxên e Luna Cordova pela amizade ao longo dos meses em que Montreal tornou-se a minha casa.

Agradeço enfim aos profissionais que, em meio a seus tantos afazeres, puderam responder aos meus questionários.

“Eletrônicos duram dez anos,
livros, cinco séculos”

Umberto Eco (2010)

Resumo

A presente pesquisa busca compreender um pouco melhor o universo dos *e-books*, bem como dos seus leitores, dos aparelhos eletrônicos relacionados à sua utilização e das possibilidades de implementação desta tecnologia na Biblioteca. Inicialmente, é apresentada uma revisão de literatura que mostra um pouco da história do livro para em seguida abordar temas que possuem relacionamento direto com o livro eletrônico, tais como: o Google Book Search, a preservação de documentos digitais, as características do *e-book*, a sua função social e alguns elementos econômicos relacionados a este novo modo de leitura. Na segunda parte do estudo, apresenta-se também o resultado de dois questionários aplicados em público alvos diferentes, mas que procurou abordar questões semelhantes. A primeira pesquisa foi realizada durante um congresso de Ciência da Informação na cidade de Montreal, no Canadá e a segunda foi feita durante outro congresso de Ciência da Informação em Brasília. Para concluir, foi apresentado um estudo comparativo entre o resultado da análise dos dois questionários.

Palavras-chave: Livro eletrônico. E-book. Tablet. E-book reader. E-book – função social. E-book - bibliotecas. Biblioteconomia.

Abstract

This research seeks to understand a little better more the world of e-books, their readers, electronic devices related to their use and the possibilities of implementing this technology in Libraries. Initially, a literature review is presented that shows a little of the history of the book and then shows issues that have direct relationship to the electronic book, such as: GoogleBook Search, the preservation of digital documents, the characteristics of the e-book , its social function and some of economic elements related to this new mode of reading. In the second part of the study, are also presented the results of two different surveys, but, despite different, they reveal equivalent issues. The first research was conducted during an Information Science Congress in Montreal, Canada, and the second one was performed during an Information Science Congress in Brasilia. To conclude, the results were analyzed comparatively.

Keywords: Electronic book. E-book. Tablet. E-book reader. E-book - social function. E-book - libraries. Librarianship.

Lista de Ilustrações

Figura 1: Campo magnético Terrestre recebe tempestade solar.....	27
Figura 2: E-book reader no Google	38
Figura 3: Proporção de livros lidos em formato eletrônico	46
Figura 4: Preço dos suportes eletrônicos	47
Figura 5: Evolução do número de livros lidos.....	48
Figura 6: Custos e rentabilidade do livro eletrônico.....	55
Figura 7: Redução de custos de e-books vs livros impressos.....	58
Figura 8: Em qual tipo de biblioteca você trabalha?	65
Figura 9: Você faz uso do livro eletrônico?	66
Figura 10: Você é favorável a prática de empréstimo de livros eletrônicos na biblioteca em que você trabalha?	67
Figura 11: Caracterização dos respondentes	70
Figura 12: Em quais situações você utiliza os serviços da biblioteca?	71
Figura 13: Aumentariam os empréstimos.....	72
Figura 14: Você gostaria que a biblioteca em que você trabalha ou já trabalhou passasse a fazer empréstimo de livros eletrônicos?	73

Sumário

1. INTRODUÇÃO.....	11
1.1 Justificativa.....	12
1.2 Objetivos.....	13
1.2.1 Objetivo Geral	13
1.2.2 Objetivos Específicos	13
2. REVISÃO DE LITERATURA	14
2.1 Do livro impresso ao livro eletrônico	14
2.1.1 O livro manuscrito	15
2.1.2 A Imprensa	18
2.1.3 O arquivo digital e o livro eletrônico	19
2.1.3.1 O acesso à informação e os problemas relacionados a ele	20
2.1.3.2 Google Book Search.....	22
2.1.3.3 O livro e a questão da preservação	23
2.1.3.4 O livro eletrônico.....	28
2.1.3.5 As características do livro eletrônico.....	30
2.2 As funções educativa e social do e-book e do e-book reader.....	32
2.2.1 O livro eletrônico como material didático.....	32
2.2.1.1 Casos de Tablets e e-book readers nas escolas.....	34
2.2.2 O livro eletrônico como parte do acervo bibliotecário.....	37
2.2.2.1 Características e serviços para as bibliotecas em um futuro próximo....	40
2.2.2.2 O livro eletrônico e a Biblioteca Pública no Brasil	42
2.2.2.3 A digitalização de livros e documentos.....	43
2.2.3 O livro eletrônico como instrumento de socialização	45
2.3 A economia do livro eletrônico	46
2.3.1 Amazon e Apple	49
2.3.2 As editoras, as plataformas e o direito autoral.....	51
2.3.3 Livro impresso e livro eletrônico: diferentes custos.....	54
3. METODOLOGIA.....	59
3.1 Etapa bibliográfica.....	59
3.2 Universo da pesquisa e amostra.....	60
3.3 Instrumento de coleta de dados	61
4. ANÁLISE DE DADOS	62
4.1 Questionário aplicado na província de Québec, por ocasião do Congrès de Milieux Documentaires	62
4.2 Questionário aplicado no Distrito Federal, por ocasião do XII ENANCIB	69
4.3 Análise comparativa entre os dois questionários.....	76
4.3.1 Análise comparativa entre as questões abertas.....	78
5. CONCLUSÃO.....	80
REFERÊNCIAS	84
APÊNDICES	90

1. INTRODUÇÃO

Os livros começaram a fazer parte do cotidiano da humanidade no início da civilização e até hoje são fundamentais para ela, além de continuarem sendo o principal objeto de trabalho dos bibliotecários. Apesar do surgimento de outros elementos de pesquisa (bases de dados, Internet, CDs, DVDs), eles continuam sendo capazes de nos impressionar com as informações neles contidas, além de nos entreter e de aumentar o acesso às informações e o desenvolvimento da educação. No contexto da sociedade da informação, a disponibilização e o acesso às fontes de informação são movimentos imprescindíveis a todo tipo de pessoa que deseja adquirir um mínimo de instrução científica e de cultura letrada e, nesse sentido, a biblioteca é importante mediadora dessas ações.

Com o advento de novas tecnologias além da internet e das possibilidades de uso das informações, as bibliotecas foram algumas vezes interpretadas como locais do passado. No entanto, elas continuam presentes e vivas e são importantes instituições sociais de disseminação de conhecimento. A necessidade por mudanças e adaptações é sempre presente e ela é muito positiva para a permanência do público nas bibliotecas. Como serão os livros e as bibliotecas do futuro? Evidentemente ninguém sabe, mas ter uma visão ampliada a respeito das tendências futuras das necessidades dos usuários é uma boa estratégia de marketing para elas.

A recente invenção de *e-readers* que não emitem a luz incômoda aos olhos permite uma grande aproximação entre a leitura de um livro físico e um livro digital e pode vir a ser um bom artifício para minimizar os problemas decorrentes da falta de espaço para os livros que as bibliotecas e as pessoas enfrentam hoje. Poder viajar levando os seus livros preferidos na bagagem sem que para isso sejam necessárias grandes malas já é bem possível e há pesquisadores, principalmente da área de tecnologia, que acreditam que eles serão o futuro dos diferentes tipos de centros de informação. No entanto, aparelhos multifuncionais ou *tablets* como o Ipad, que são mais do que suportes para livros eletrônicos invadiram o mercado e há quem diga que eles irão engolir a fatia do mercado reservada para os leitores de livros digitais. No entanto, a feira do livro de Paris, que aconteceu em outubro deste ano voltou a colocar os *e-*

readers na frente dos *tablets* e já existem novas dúvidas a respeito dos objetos que “dominarão as bibliotecas do futuro”. (www.salondulivreparis.com)

Para analisar algumas questões relativas ao livro eletrônico e às bibliotecas, este trabalho apresenta inicialmente uma pesquisa bibliográfica referente às funções sociais e econômicas do *e-book* atual e posteriormente mostra o resultado comparativo entre dois questionários: o primeiro respondido por profissionais da província de Quebec, no Canadá no decorrer de um congresso da área de Ciência da Informação e o segundo respondido por profissionais brasileiros (principalmente do Distrito Federal), também durante um congresso da mesma área, a fim de perceber como pesquisadores que já estão mais habituados aos livros eletrônicos lidam com as questões relacionadas às novas tecnologias de informação e como os bibliotecários brasileiros podem usar essas experiências para oferecerem novos serviços aos seus usuários. Ressaltamos que o objetivo aqui foi de analisar as possíveis tendências para o futuro das bibliotecas.

O trabalho foi estruturado em duas partes principais, sendo a primeira composta por uma revisão de literatura abrangendo assuntos relacionados a um pouco da história do livro para em seguida abordar temas que possuem relacionamento direto com o livro eletrônico, tais como: o Google Book Search, a preservação de documentos digitais, as características do *e-book*, a sua função social e alguns elementos econômicos relacionados a este novo modo de leitura. Na segunda parte do estudo, apresenta-se o resultado da análise dos questionários.

1.1 Justificativa

Esta análise se justifica pelos impactos potenciais e efetivos que o livro eletrônico pode trazer às bibliotecas em termos de acesso à informação, bem como em função dos atuais questionamentos que suscita no que diz respeito ao seu aspecto físico-espacial, cultural e tecnológico, diante das suas projeções futuras e da tecnologia tradicional representada pelo livro impresso.

É importante citar que os profissionais canadenses foram escolhidos para compor a amostra da pesquisa pelo fato de que, por trabalharem em um país com mais recursos informacionais, lidam há mais tempo com as tecnologias relativas ao livro

eletrônico. Além disso, a escolha pelos congressos para a aplicação dos questionários se justifica pela grande importância destes dois eventos na área de Ciência da Informação.

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo Geral

Fazer uma análise comparativa entre a opinião de profissionais da área de Ciência da Informação da província de Québec e os profissionais da área de Ciência da Informação brasileiros (da cidade de Brasília, principalmente) quanto ao que pensam a respeito do livro eletrônico e das tendências futuras para as bibliotecas.

1.2.2 Objetivos Específicos

1. Analisar a literatura relativa às funções sociais que o livro eletrônico pode desempenhar;
2. Analisar alguns fatores econômicos relativos aos livros eletrônicos, tais como o preço comparativo entre o *e-book* e o livro impresso e a sua evolução e seu consumo no mercado;
3. Analisar as opiniões dadas pelos profissionais relacionados às bibliotecas da província de Québec a respeito do livro eletrônico e das tendências futuras para as bibliotecas;
4. Analisar as opiniões dadas pelos profissionais relacionados às bibliotecas brasileiras (da cidade de Brasília, principalmente) a respeito do livro eletrônico e das tendências futuras para as bibliotecas.

2. REVISÃO DE LITERATURA

Para a elaboração deste estudo foram consultadas as seguintes fontes:

- ❖ Catálogos das Bibliotecas da Université de Montréal;
- ❖ Catálogo da Rede de bibliotecas RVBI;
- ❖ Catálogo da biblioteca digital de monografias da Universidade de Brasília;
- ❖ Bases de dados na área de Biblioteconomia e Ciência da Informação;
- ❖ Periódicos eletrônicos também na área de Biblioteconomia e Ciência da Informação;
- ❖ Revistas e jornais de circulação diária ou semanal;
- ❖ Blogs de diversas áreas do conhecimento e páginas da internet.

2.1 Do livro impresso ao livro eletrônico

Antes de entrar na questão do livro eletrônico e do próprio futuro das bibliotecas, foi interessante observar a atividade da escrita e da guarda de informações ao longo da história. É inegável a importância que as bibliotecas tiveram e ainda tem em nosso cotidiano, seja para a pesquisa ou a simples guarda de material considerado imprescindível de alguma forma.

Katzenstein (1986, p. 106), afirma que o livro surgiu de um “processo de evolução, de ensaio e erro que durou milênios, assim como outras técnicas e como as seleções e mutações da natureza”. Sabe-se que o livro já possuiu diversos formatos e suportes e, nesse sentido, debruçar na história das bibliotecas, dos livros, e até da própria escrita, se faz necessário para sabermos como essas questões influenciaram e influenciam até hoje, o comportamento da sociedade.

Conhecer a origem dos livros também é importante para conseguirmos debater acerca de questões como o fim do livro e a crise do livro, que desde o século XIX é discutida e difundida por razões diversas. Saber porque muito pouco do que foi feito na Antiguidade e na Idade Média restou para nós é suficiente para se pensar em discutir meios e estratégias de preservação do que é feito atualmente. Apenas substituir o que

está em meio impresso para o meio digital não garante — de forma alguma — a salvaguarda das informações. Isso sem falar nos documentos que já nasceram digitais! No meio disso tudo, estão as bibliotecas e os bibliotecários, que podem ver nesses diferentes formatos de retenção da informação, grandes desafios e, por que não, grandes oportunidades para continuarem servindo aos seus usuários.

2.1.1 O livro manuscrito

De acordo com o texto *Um pouco da história dos livros e da leitura*, p. 1, que se encontra na Biblioteca Virtual do Governo do Estado de São Paulo (BvSP),

Antes do livro surgiu a escrita, há cerca de 40 mil anos, quando o homem pintava imagens de sua realidade nas paredes das cavernas (pictografia). A partir desse momento, a escrita foi adquirindo características muito próprias em diversos povos (escrita mnemônica, escrita fonética e escrita ideográfica). As formas de registro e guarda da memória escrita também variavam bastante.

Os primeiros documentos (que possuíam formatos parecidos com os livros que conhecemos hoje) foram as tabuletas de argila, utilizadas pelos sumérios, que desenvolveram grandes bibliotecas que versavam sobre registros administrativos, econômicos, políticos, flora, fauna, poesia, etc. na Suméria, região semi-árida da Mesopotâmia, atual região sul do Iraque. Para cuidar dessas bibliotecas, existiam os “ordenadores do universo”, primeiro registro dos que viriam se tornar posteriormente os bibliotecários. (Manguel, 1997).

Atualmente acredita-se também que os egípcios tenham sido os primeiros povos a desenvolver algum tipo de escrita. Isso porque em maio de 1999 foram encontradas 180 placas de barro em formas rudimentares de hieróglifos, que podem ter sido gravadas há até 5.400 anos, ou seja, três séculos antes das tabuletas sumérias. (Burgierman, 1999).

Mais tarde, por volta de 3000 a.C., os egípcios desenvolveram a tecnologia do papiro, feito com uma planta (*papyrus*, em grego e *papyrus*, em latim) que era utilizada como superfície resistente para a escrita hieróglifa, formada por desenhos e símbolos. Ainda de acordo com a Biblioteca Virtual do Governo do Estado de São Paulo, (BvSP), no texto *Um pouco da história dos livros e da leitura*, “a palavra

papiryrus de origem a palavra papel. O papiro consiste em uma parte da planta, que era liberada ou livrada (em latim *libere*, que quer dizer livre) do restante da planta – daí surge a palavra *liber*, *libri*, em latim, e posteriormente *livro* em português”.

Ao falar em papiro, não se pode dar continuidade ao texto sem antes fazer menção à Alexandria, que foi o centro do comércio livreiro do Mediterrâneo praticamente desde a sua fundação, em 331 a.C., por Alexandre o Grande, até o terceiro século da nossa era. (Battles, 2003). Na cidade de Alexandria existiu a maior e mais conhecida biblioteca da Antiguidade, que perdurou até a Idade Média, quando foi completamente destruída por um incêndio. Infelizmente, a Biblioteca de Alexandria é apenas um exemplo das inúmeras bibliotecas que se perderam ao longo dos séculos, seja por causas naturais ou por ordem de algum governante de tropas inimigas. A esse respeito, podemos citar a luta dos escribas astecas para manter vivas as suas histórias, escritas em livros (feitos em um material macio existente entre a casca das árvores e a madeira) destruídos pelo colonizador espanhol.

Parando um pouco para refletir a respeito do parágrafo anterior, deparamo-nos com a frase de Battles, (2003 p. 51): “não existe biblioteca que não acabe desaparecendo, deixando atrás de si um quebra-cabeças que as gerações futuras tentarão remontar.” Fazendo um paralelo com o mundo presente, em que tudo pode ser apagado, editado e reescrito em uma velocidade inimaginável, cabe a pergunta: será que os livros digitais vão ajudar a preservar pelo menos alguma parte da informação produzida na atualidade?

Voltando aos tempos remotos, observou-se que os romanos também usaram o papiro em forma de cilindro, chamando-os de *volumen* (ou *Khartés*, nome original), facilmente transportados. Além do papiro, eles usaram ainda tábuas de madeira cobertas com cera.

Como a matéria prima para fazer o papiro era escassa e as guerras e conflitos políticos da época impediam a importação deste material, acabou-se recorrendo a outros materiais para servirem de suporte à escrita. Para isso, surgiu, em Pérgamo, uma cidade da Ásia Menor, o pergaminho, material feito com a pele de animais, geralmente o carneiro. O pergaminho se mantinha conservado por mais tempo que o papiro, mas, em contrapartida, exigia um custo de fabricação muito elevado. Por isso, o formato de

volumen acabou dando lugar ao *códex*, ou *códice*, que não era mais um rolo e sim uma compilação de páginas. A utilização do pergaminho se estendeu até a Idade Média.

Mais adiante, passamos pela era da difusão do papel. É fato que o papel, como conhecemos hoje, surgiu na China, no início do século II, a partir do córtex de plantas, tecidos velhos e fragmentos de rede de pesca. Contudo, a invenção demorou muito tempo para chegar ao ocidente.

Com relação ao grande período compreendido pela Idade Média, a sua característica mais marcante é o surgimento dos monges copistas, que, segundo a Wikipedia, no verbete livro, eram “homens dedicados em período integral a reproduzir as obras, herdeiros dos escribas egípcios ou dos *libraii* romanos.” O que se afirma hoje é que a Idade Média foi um período obscuro em que o ocidente foi dominado pelo pensamento cristão extremamente radical da época. Muitos livros foram censurados e muitos outros ficaram trancafiados nos mosteiros por séculos.

Entrando no estúdio de São Jerônimo de Messina, [São Jerônimo é considerado o patrono das bibliotecas, dos bibliotecários e dos tradutores] entramos numa biblioteca medieval, cristã, que prima pela limpeza das formas e do espaço. Onde o tom é dado pelos verbos *ora et labora*. Bibliotecas de mosteiros famosos como Saint-Michell, Cluny, Bobbio e Durham, onde o poder era controlado pelo conhecimento reproduzido autograficamente por copistas e armazenado sob os olhos atentos dos *armarii* ou dos *bibliothecarii*. E o livro, na maioria das vezes, permanecia fechado em armários ou amarrados às estantes (*liber catenatus*). O imaginário dessas bibliotecas medievais foi engenhosamente explorado no livro e no filme *O Nome da Rosa*. (SILVA, 2006, p.87).

No entanto, muitas das informações produzidas na Antiguidade e até na própria Idade Média só chegaram aos dias de hoje por conta do trabalho dos monges copistas, mesmo que a fidedignidade de algumas obras possa ser questionada, devido à modificação de palavras para fins particulares. Mais ainda, não se pode afirmar que as censuras existiram somente na Idade Média. Pelo contrário: episódios bem recentes marcaram a história da censura e destruição dos livros. Podemos citar os livros que os nazistas atiraram ao fogo, os livros destruídos pelo Taliban, por Fidel Castro, pelo regime militar na Argentina, no Uruguai, no Chile e no Brasil, pelo governo da Coreia do Norte...

No século XIII a secularização da cultura na Europa resulta na decadência das bibliotecas de abadias e mosteiros onde o conhecimento clássico hibernou. Lugares sagrados que não serviram à difusão do conhecimento, antes, à sua restrição. Mas o florescimento das cidades e a criação das universidades produzem o deslocamento do eixo da produção e reprodução do conhecimento dos espaços religiosos para os lugares laicos. A emergência da imprensa de tipos móveis a partir do século XV impulsiona a transmissão do conhecimento, em escala até então desconhecida, e impõe ritmo acelerado ao crescimento das bibliotecas. (SILVA, 2006, p.87)

2.1.2 A Imprensa

Antes de Gutenberg apresentar a sua invenção, em 1455, os chineses já haviam inventado tipos rudimentares, mas, por serem de madeira, não eram reutilizáveis. Os tipos móveis de Gutenberg eram de chumbo fundido, o que lhes garantiam uma maior resistência. Só para constar, o primeiro livro impresso por essa técnica foi a Bíblia em latim.

Com o aumento do livro impresso, houve uma significativa expansão das religiões ocidentais e foi fundamental para a história cultural do ocidente. Aprender a ler significava ter acesso à Bíblia e, portanto, à palavra de Deus. Contudo, a Reforma deflagrada por Lutero estimulou o aparecimento de livros que iam contra os dogmas da igreja. Por conta disso, a censura se instalou nos séculos XVI e XVII, sob a forma da inquisição. (CARVALHO, 1999).

Na Europa, durante o século XVII e XVIII, surgiram muitos prédios de bibliotecas universitárias e bibliotecas reais (que mais tarde se transformariam em bibliotecas nacionais). Mais a frente, no epicentro do Iluminismo, nos deparamos com a metáfora da biblioteca portátil e móvel “num desejo de desprendimento do conhecimento dos edifícios das bibliotecas e já uma ânsia de descolamento do texto de seu suporte”. (SILVA, 2006).

No Brasil, a imprensa com sua máquina tipográfica só apareceu no início do século XIX, com a vinda da Biblioteca Real e também da própria família Real para a colônia. A transferência da corte portuguesa para o Rio de Janeiro transformou radicalmente a situação dos livros e das bibliotecas no Brasil. As novas condições políticas, econômicas e sociais revolucionaram a colônia. (MORAES, 2006).

Historicamente em 1890 surgiu, de acordo com Chartier e co-autores (2001), apud SILVA (2011), na França, o fenômeno conhecido como a “crise do livro”, que é

apresentada por três fatores: o primeiro se refere ao mercado consumidor insuficiente, visto que desde a invenção da imprensa o número de livros cresceu exponencialmente. Isto gerou inúmeros problemas de armazenamento, organização, recuperação, etc. O segundo fator se refere ao temor da perda, que fez e ainda faz com que inúmeros textos sejam reimpressos ou, nos dias de hoje, faz com que se criem cópias digitais e impressas de um mesmo material.

O último fator faz referência aos inúmeros suportes pelos quais o livro já passou e pelos quais ele começa a passar hoje. Aqui nos cabe a questão: os arquivos digitais dispostos em nuvens e em sítios da Internet se encontram em que tipo de suporte? E o *e-book reader*, seria um suporte ou um livro eletrônico?

2.1.3 O arquivo digital e o livro eletrônico

O livro eletrônico não é tão recente quanto o Kindle ou o Ipad. Já no final da década de 90 as bibliotecas de vários lugares do mundo (principalmente as grandes bibliotecas públicas dos Estados Unidos e da Europa, bem como a do Congresso norte americano, da Biblioteca Nacional da França ou ainda as bibliotecas das grandes universidades desses países, como a de Harvard) já possuíam em seus catálogos, livros, arquivos, periódicos, músicas e filmes em formato digital. Os *e-books readers* também são relativamente antigos, mas o que fez o assunto voltar a ser discutido com bastante intensidade pelo mercado livreiro foi a invenção da *e-ink*, uma tinta eletrônica especial que não emite a mesma luminosidade que os *e-readers* anteriores. (Apesar de que nos últimos dias a tendência dos *tablets* multifuncionais que ainda emitem a luz incômoda para leitura está começando a ultrapassar o mercado dos *e-readers* com *e-ink*, como será visto mais adiante).

Nas bibliotecas atuais que possuem alguma ligação por rede (maioria das bibliotecas da América do Norte e Europa e a minoria das brasileiras) é possível encontrar inúmeras bases de dados sobre os assuntos mais variados possíveis. Um pouco posterior ao surgimento dos arquivos digitais veio a Internet, que mudou a forma de se ler um documento. Diferentemente dos textos em papel, que sugerem uma leitura linear, os textos em meio eletrônico permitem uma grande hipertextualidade e grande interatividade. A esse respeito, Umberto Eco, no texto *Muito além da Internet* (2003),

afirma que a “www é a grande mãe de todos os hipertextos, uma biblioteca mundial onde podemos ou poderemos, em breve, pegar todos os livros que quisermos. A internet é o sistema geral de todos os hipertextos existentes.”

2.1.3.1 O acesso à informação e os problemas relacionados a ele

Em relação à Internet, a grande vantagem que ela representa para os pesquisadores está no acesso: para a leitura de muitos trabalhos, já não é mais necessário ter que se deslocar até uma biblioteca ou a um centro de pesquisas. Muitos conteúdos se tornaram disponíveis gratuitamente ou com o pagamento de taxas àqueles possuidores de um computador conectado à Grande Rede.

Na página da BvSP no texto *Um pouco da história do livro e da leitura* encontramos que “a história do acesso aos livros e à leitura é intimamente ligada à história da cultura e da educação no mundo [...] A máxima de que conhecimento é poder torna-se totalmente compreensível”. O mesmo texto nos mostra que na Grécia, o acesso aos livros era restrito aos filósofos e aristocratas. Em Roma era uma forma de garantir os direitos dos patrícios às propriedades. Na Idade Média uma minoria era alfabetizada e até a Renascença, as bibliotecas não estavam à disposição daqueles que não eram religiosos ou que não detinham o poder. “Com o advento da Renascença e [...] com a ascensão da burguesia e decadência do monopólio da igreja sobre o poder, o livro perde o seu caráter de objeto sagrado”. Foi o livro, ou seja, no fundo, a biblioteca, um dos instrumentos mais poderosos da abolição do “antigo regime”. (MARTINS, 1996).

Santos (2007) afirma que durante o século XX houve uma grande aceleração no desenvolvimento de tecnologias relacionadas à comunicação e à informação, sendo interessante observar que já na década de 1930, na obra “*Traité de Documentation*”, Paul Otlet já estabelecia questões relativas à universalização do acesso e do conhecimento. A autora explica também que “as formulações de Otlet, tais como o Princípio Monográfico, a Classificação Decimal Universal e a tecnologia das fichas padronizadas, são as bases de um ambicioso projeto de cunho universalista”, que viria a se tornar o ponto de partida para a construção de um livro universal, a fim de propor uma rede global de informação e documentação. Santos (2007) continua argumentando que, na verdade, as suas ideias só foram superadas pelo desenvolvimento da

microinformática na década de 1980 e posteriormente da Internet. Como é possível observar, essa forma de tratamento e circulação da informação prevista no início do século XX baseada em uma grande rede mundial, é utilizada nos dias de hoje, século XXI, coexistindo com os livros, periódicos, rádio e televisão, aparelhos de comunicação móvel e uma crescente convergência de mídias: celulares com acesso à Internet e sinais de TV, *e-books*, televisão digital, etc.

Existem ainda iniciativas que provêm o acesso mediante compra de um produto específico de uma determinada empresa. Obviamente, estas soluções são propostas por razões estratégicas de mercado. Nesse sentido, podemos citar o modelo da Apple com o *Ipad*, ou o formato *Kindle AZT*, da Amazon, cujos *e-books* vendidos por essas empresas só podem ser lidos por plataformas criadas por elas, não sendo possível, por exemplo, ler um livro vendido pela loja de livros eletrônicos da Apple (Ibooks) em um *Kindle* da Amazon. Por outro lado, também é possível observar constantemente iniciativas relacionadas ao acesso aberto (*open access*), que se destinam a disponibilizar conteúdos diversos na internet, sem que seja necessário por parte do pesquisador pagar para obter a informação contida nos arquivos.

Por “acesso aberto” à literatura, deve-se entender a disposição livre e pública na Internet, de forma a permitir a qualquer usuário a leitura, download, cópia, impressão, distribuição, busca ou o link com o conteúdo completo de artigos, bem como a indexação ou o uso para qualquer outro propósito legal. No entendimento das organizações que apóiam o acesso aberto, não deve haver barreiras financeiras, legais e técnicas outras que não aquelas necessárias para a conexão à Internet. O único constrangimento para a reprodução e distribuição deve ser o controle do autor sobre a integridade de seu trabalho e o direito à devida citação. A literatura de acesso aberto é compatível com direitos autorais, revisão por pares, venda, impressão, preservação, indexação e outros características serviços associados à literatura convencional. A diferença primária é a ausência de barreiras de acesso e a não cobrança de taxas dos leitores. (<http://www.acessoaberto.org/>)

A esse respeito,

A abertura vem operando por toda parte, graças aos repositórios de ‘acesso livre’ de artigos digitalizados disponíveis gratuitamente, à Open Content Alliance, ao Open Knowledge Commons, ao OpenCourseWare [sic], ao Internet Archive e a empreendimentos abertamente amadores, como a

Wikipédia. Agora a democratização do conhecimento parece estar nas pontas dos nossos dedos. (DARNTON, 2010, p. 28)

Ainda com relação ao acesso, o grande desafio dos países em desenvolvimento seria garantir o ingresso da maior parte da população às informações contidas na Internet. Em países que sofrem com graves problemas econômicos e sociais, analfabetismo e crescimento demográfico descontrolado, acredito que dificilmente a Internet deveria ser vista como uma prioridade.

Ironicamente,

Enquanto o projeto *E-Ink* do Massachusetts Institute of Technology (MIT) [...] propõe-se a lançar, em breve, 2 bilhões de exemplares de seu *e-book*, última palavra em tecnologia, [...] o Senegal nos sugere, como iniciativa para o novo milênio, um projeto intitulado “Des ardoises por tous” [Quadro negro para todos]. (Corral, 2003, p. 197)

Por outro lado, Manguel (2006) afirma que os exemplos de liberdade proporcionados pela *Web* são inúmeros. No “Irã tiranizado pelos mulás”, é possível ler *on-line* qualquer tipo de literatura proibida pelo sistema; em Cuba, os dissidentes têm acesso, via Internet, aos relatórios publicados pela Anistia Internacional; na Rodésia, os leitores podem abrir na tela os livros dos escritores proibidos.

2.1.3.2 Google Book Search

Ao falar em acesso aberto, cabe aqui a análise de um projeto ambicioso, lançado pela Google há pouco tempo, mas que já causou um alvoroço no mundo da Biblioteconomia, inclusive dividindo opiniões de vários estudiosos. O *Google Book Search* tem como meta digitalizar milhões de livros de grandes bibliotecas, começando com o acervo de Harvard e outras três bibliotecas universitárias para, em seguida, disponibilizar as edições digitais no mercado informacional. Ficando tudo armazenado em um grande banco de dados, a Google passaria a conter a maior biblioteca do mundo, muito maior do que qualquer biblioteca existente hoje, e ainda estaria disponível em linha.

Provavelmente isso acarretaria uma série de processos em torno das obras protegidas por *copyright*, mas o que se observa foi que o Google fez um acordo com os

detentores desses direitos. O acordo criou um empreendimento conhecido por *Book Rights Registry* que passaria a vender o acesso a um grande banco de dados, composto por livros fora de catálogo, mas que ainda estivessem protegidos pelas leis dos direitos autorais. As inúmeras instituições interessadas, como faculdades e universidades poderiam ter acesso a essas digitalizações, mediante o pagamento de uma taxa, uma licença institucional de uso, o que poderia fazer com que o Google se tornasse também a maior empresa livreira do mundo.

Sobre o acordo obtido pelo Google, Darnton, (2010, p. ?) propõe a seguinte questão: “o que acontecerá se o Google der preferência à lucratividade em detrimento do acesso? Nada, se li corretamente os termos do acordo”. O autor continua afirmando que apesar da promessa de manter preços acessíveis, nada pode garantir que o Google vai realmente cobrar um valor justo para o acesso às informações digitalizadas por eles. Mais adiante o autor continua:

Quando empresas como o Google [sic.] olham para bibliotecas, não enxergam meros templos do saber. Veem ativos econômicos em potencial, aquilo que chamam de “conteúdo”, prontos para serem explorados. Construídos ao longo de séculos a um custo imenso de dinheiro e trabalho, os acervos das bibliotecas podem ser digitalizados em massa a um custo relativamente baixo – milhões de dólares, sem dúvida, mas é pouco comparado ao investimento que receberam. Bibliotecas existem para promover um bem público: “o encorajamento do saber”, a educação “Aberta a Todos”. Empresas existem para gerar lucro para seus acionistas. (DARNTON, 2010, p. 29)

Falar que este projeto desenvolvido pelo Google não apresenta vantagens seria mentira, mas é estranho pensar que depois de um tempo as bibliotecas teriam de pagar por licenças que só puderam ser criadas graças aos livros cedidos ao Google de forma gratuita por elas próprias. Apenas para dados estatísticos, vale a pena mencionar que até junho de 2010, o Google já havia digitalizado mais de 12 milhões de livros.

2.1.3.3 O livro e a questão da preservação

Com tantos meios de se ter acesso às informações, há quem diga que o fim do livro é certo. É sim possível que muitos tipos de livros venham a ser completamente

substituídos pelos formatos digitais, mas não acredito no fim do livro como um todo. Pelo menos não até o próximo século.

Os hipertextos, sem dúvida, tornarão obsoletos os manuais e as enciclopédias. Ontem, era possível ter uma enciclopédia inteira em CD-ROM; hoje, é possível ter a enciclopédia ligada em linha, com a vantagem de que isso permite o cruzamento de referências e a repercussão não-linear de informação. Todos os CDs e mais o computador ocuparão um quinto do espaço ocupado por uma enciclopédia impressa. (ECO, 2003).

Em um artigo publicado na revista *American Libraries Magazine* em 2011, Helgren apresenta os resultados de uma pesquisa elaborada em 2009 pela Library Research Service (LRS) com profissionais que trabalhavam em bibliotecas na região do Colorado. A princípio, pensava-se que a maior parte dos respondentes tenderia a acreditar em uma possível substituição do papel pelos formatos digitais. Contudo, o que se observou foi que “*paper books refuse to die*” ou que os livros em papel se recusam a morrer. De acordo com a pesquisa, 63% dos entrevistados afirmaram que o livro em papel não vai desaparecer nunca, enquanto que 11% falaram que iria demorar mais de 100 anos para isso acontecer. Outros 11% acreditam que irá demorar entre 51 e 100 anos, outros 11% afirmam que o papel irá desaparecer entre 21 e 50 anos e, finalmente, 4% acreditam que irá demorar até 20 anos para que os sistemas digitais substituam os livros em papel.

Uma das primeiras previsões com relação ao impacto das novas tecnologias da comunicação sobre a produção, fornecimento e distribuição da informação, foi feita em fins da década de 70, por Lancaster que passou a ser considerado como o principal profeta do que veio posteriormente a se chamar de “sociedade sem papel” (paperless society). Obviamente, as previsões de Lancaster não passaram pela biblioteconomia sem receber críticas. No entanto, também existiram estudiosos que acabaram seguindo a sua linha de pesquisa. (FIGUEIREDO, 1995).

As previsões de Lancaster foram baseadas nas seguintes disposições: “os computadores têm sido aplicados nas bibliotecas de duas maneiras distintas: para automatizar as operações internas e para permitir acesso às fontes de informação que não estão fisicamente presentes nas bibliotecas.” (FIGUEIREDO, 1995, p. 2). Com relação à segunda aplicação, o que se teria seria um vasto depósito formado por

documentos eletrônicos, que estariam disponíveis para os usuários da informação, fazendo com que as bibliotecas acabassem por se tornar organismos obsoletos. Tal sistema emergiria por dois motivos básicos:

[...] oportunidade, devido ao fato de que os terminais de um tipo ou outro seriam lugar comum nos escritórios e nos lares, também seriam usados para uma variedade de fins; custo elevado da distribuição da informação no formato impresso a tornará cada vez mais inacessível. Completando o seu raciocínio, Lancaster declara que um sistema eletrônico, portanto, ofereceria muitas vantagens, melhorando acessibilidade, seletividade e rapidez na disseminação da informação. (FIGUEIREDO, 1995, p. 2)

É claro que um sistema eletrônico nos traz inúmeras vantagens, mas, por outro lado, Eco e Carrière (2010) rebatem: “Se o livro eletrônico terminar por se impor em detrimento do livro impresso, há poucas razões para que seja capaz de tirá-lo de nossas casas e de nossos hábitos. Portanto, o *e-book* não matará o livro [...] Os usos e os costumes coexistem [...] O filme matou o quadro? A televisão o cinema?”

Continuando com o livro eletrônico ou o e-book, ou ainda com os arquivos digitais, a questão agora é relativa à preservação da informação. Nos últimos anos o que se vê é uma quantidade massiva de digitalizações de manuscritos e de materiais impressos, com o intuito de garantir o acesso remoto para a sociedade, mas, também, com a função de preservar ao menos o que está contido nesses documentos.

A esse respeito,

Quando surgiu o DVD, achamos que tínhamos finalmente a solução ideal que resolveria para sempre nossos problemas de armazenamento e de acessibilidade. [...] Nada disso. Agora nos anunciam discos num formato mais reduzido, que exige a aquisição de novos aparelhos de leitura [...] Os bons e velhos DVDs, portanto, serão jogados às traças, a não ser que conservemos aparelhos velhos que nos permitam projetá-los. Aliás, esta é uma tendência da nossa época: colecionar o que a tecnologia pelega para descartar. Um amigo meu, cineasta belga, guarda em seu porão 18 computadores, simplesmente para poder consultar trabalhos antigos. Tudo isso para dizer que não existe nada mais efêmero do que os suportes duráveis. (ECO; CARRIÈRE, 2010, p. 23)

A questão da preservação dos documentos ou pelo menos das informações contidas neles foi, é e ainda será por muito tempo uma das maiores preocupações dos bibliotecários. Antes de se começar a pensar em estratégias de salvaguarda, é importante ter em mente de que nem tudo deve ser preservado indefinidamente. Manter uma

política adequada de descarte pode ser um dos primeiros passos para manter a qualidade das ações preventivas de um acervo.

A respeito da preservação de documentos digitais,

Em geral, as tarefas relacionadas com a preservação digital seriam: os procedimentos de manuseio e armazenamento da mídia digital, a cópia da informação contida, a migração para novas mídias e a preservação da integridade da informação digital. Preservação digital requer não apenas procedimentos de manutenção e recuperação de dados, no caso de perdas acidentais, para resguardar a mídia e seu conteúdo, mas também estratégias e procedimentos para manter sua acessibilidade e autenticidade através do tempo, podendo requerer colaboração entre diferentes financiadoras e boa prática de licenciamento, metadado e documentação, antes de aplicar questões técnicas. (BOERES; ARELLANO, 2005, p. 4)

A preservação de documentos impressos ainda é bastante complicada. É necessário que a biblioteca tenha um plano estratégico para proteger os livros de ações danosas provocadas tanto por causas naturais (chuvas, inundações, poeira, insetos, umidade relativa muito alta ou muito baixa...) quanto por causas humanas (vandalismo, roubo, destruição...), no entanto, hoje pode ser mais fácil ter acesso a livros que possuem mais de cinco séculos de existência do que a disquetes cujos arquivos gravados possuem poucos anos de uso, a não ser que guardemos nossos velhos computadores em casa ou realizemos a migração do suporte da informação periodicamente.

Ainda a respeito dos problemas relacionados à preservação de documentos eletrônicos, Garattoni (2010) afirma que existe a possibilidade de ocorrer tempestades solares mais intensas. Tempestades solares costumam acontecer com frequência na atmosfera terrestre, mas a intensidade de cada acontecimento varia bastante. A NASA (Agência Espacial Norte Americana) acredita, contudo, que a tempestade aguardada em breve terá intensidade semelhante às tempestades ocorridas em 1859 e 1921, sendo que essa última teve como consequência a total incapacidade de operar sistemas telegráficos.

Erupções solares são explosões na superfície do Sol causadas por mudanças repentinas no seu campo magnético. Estas explosões enviam grandes quantidades de radiação para o espaço, e conseqüentemente para os planetas do nosso sistema solar. Esta radiação pode ser transmitida como partículas (plasma), ou radiação eletromagnética (luz). O Sol liberta porções de energia eletromagnética, quando enormes quantidades de energia ficam retidas em campos magnéticos, acima das manchas solares. A explosão produz um forte pulso de radiação que abrange espectro eletromagnético, desde as ondas rádio, raios X até aos raios gama. (<http://www.tecnologiasdeultimogrito.com>).



Figura 1: Campo magnético Terrestre recebe tempestade solar
Fonte: <http://www.tecnologiasdeultimogrito.com>

Dependendo da intensidade da tempestade solar, tudo o que usa circuitos elétricos, de carros a computadores, queima instantaneamente. Celulares e satélites pifam, os meios de transporte param, a rede de energia dá curto-circuito e logo começa a faltar água e comida. Esse cenário apocalíptico pode acontecer – e causado pelo Sol. Segundo cientistas da NASA e de outras instituições, que recentemente se reuniram em Washington para debater a questão, em 2013 o astro vai entrar num ciclo de alta atividade, o que aumenta a probabilidade de erupções solares. Essas erupções liberam muita energia. E, quando essa energia chega à Terra, provoca uma tempestade eletromagnética – que literalmente fritar tudo o que tiver um circuito elétrico dentro. A solução é desligar tudo o que for elétrico antes da tempestade. Os Estados Unidos têm um satélite capaz de detectar a onda com um dia de antecedência – em tese, tempo suficiente para que as redes de energia do mundo sejam desconectadas. (GARATTONI, 2010).

É claro que as previsões de tempestades próximas não podem ser confirmadas, mas o que tudo indica é que se deve ter muito cuidado com o arquivamento de informações e de livros em meio eletrônico. Nesse caso, cópias impressas são muito mais seguras.

2.1.3.4 O livro eletrônico

Para tentar chegar a uma conclusão lógica sobre o que seria o *e-book*, creio que seja necessário primeiro buscar os conceitos a respeito do que seria livro, informação, arquivo digital, documento e suporte. Isso porque por enquanto, o livro eletrônico pode ser considerado sob três aspectos: o e-book pode ser o livro em si, arquivado em um formato eletrônico (digital), pode ser o suporte da informação ou pode ser ainda o conjunto desses dois últimos elementos.

Para facilitar a compreensão, as definições foram todas retiradas de um mesmo lugar, o dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia, escrito por Cunha e Cavalcanti (2008):

- ❖ Livro: “Obra literária, científica ou artística que compõe, em regra, um volume”. No mesmo dicionário, a palavra volume aparece como “unidade informacional que reúne sob uma mesma capa alguns elementos como folhas, cadernos, discos, formando um todo ou como parte de um conjunto”. O livro seria, portanto, um objeto composto por elementos que existem para a ordenação da informação lá contida.
- ❖ Informação: “Registro de um conhecimento que pode ser necessário a uma decisão. A expressão ‘registro’ inclui não só os documentos tipográficos, mas também os reprográficos, e quaisquer outros suscetíveis de serem armazenados visando sua utilização”.
- ❖ Arquivo digital: “Arquivo cujos documentos foram convertidos para o formato legível por máquina, geralmente com objetivos de preservação ou ampliar a sua disseminação via rede interna ou rede pública, como a internet.” O mesmo dicionário ainda descreve o arquivo digital como sendo a

“armazenagem e preservação de documentos de texto completo e sítios Web disponíveis na internet”.

- ❖ Documento: “Suporte de informação. Para Paul Otlet, documento é o livro, a revista, o jornal; é a peça de arquivo, a estampa, a fotografia, a medalha, a música; é também o filme, o disco, e toda a parte documental que precede e sucede a emissão radiofônica”

- ❖ Suporte: “Material empregado pelo homem para fixar e transmitir seu pensamento.” O dicionário propõe ainda o verbete “suporte de informação”, que seria o “objeto material, ou dispositivo, sobre o qual, ou no qual se encontram representados os dados ou informações”.

- ❖ Finalmente, o dicionário define livro eletrônico (*e-book*, *eletronic book*, *interactive book*, *multimedia book*): “o que foi convertido ao formato digital, ou originalmente produzido nesse formato, para ser lido em computador ou dispositivo especial destinado a esse fim”.

Continuando com o livro eletrônico, Silva (2011) esclarece que ele pode ser considerado sob dois aspectos: o livro que já nasce digital e o livro que passa a ser eletrônico após a sua digitalização (meio impresso como formato original). Esclarece também que para se ler este livro seriam necessários três elementos: o próprio livro, o software (aplicativo que auxilia a leitura do livro) e o hardware, que seria o suporte em que o livro se encontra. Ainda nessa linha de raciocínio, podemos constatar que um arquivo eletrônico é, na verdade, apenas um conjunto de bits.

2.1.3.5 As características do livro eletrônico

Ainda sobre o *e-book*, é interessante fazer uma amostra a respeito das suas principais características. Baseando-nos no trabalho de Silva (2011), faremos a análise sob três questões: a portabilidade, a tecnologia e a praticidade. Já ao avaliar o trabalho de Patino (2008), a análise será feita a respeito da indexação, da atualização e da acessibilidade.

Com relação à portabilidade, que seria a possibilidade de se ter acesso ao conteúdo a qualquer hora e lugar, vemos que o livro eletrônico não apresentou novidades com relação ao livro impresso (que também é portátil). Contudo, a grande diferença está no espaço e no peso que um conjunto de livros eletrônicos pode ter, se comparado com o livro em papel: enquanto o livro impresso ocupa grande espaço dentro de uma biblioteca, um *e-reader* com 1.000 livros digitais (ou nenhum livro) costuma pesar aproximadamente 300 gramas. Nesse sentido, a vantagem que o *e-book* pode oferecer aos seus leitores está no fato de podermos levar conosco vários livros sem ocupar grandes espaços ou carregar muito peso. Em uma viagem, por exemplo, essa característica apresenta pontos positivos em relação ao livro impresso.

No que se refere à tecnologia, podemos observar que enquanto os *e-readers* fazem uso da *e-ink*, os *tablets* permanecem emitindo a luz brilhante semelhante a dos computadores. Apesar dos *tablets* atuais estarem sendo feitos para manter o aparelho ligado sem que seja necessário carregar a sua bateria constantemente, quando um aparelho não emite luz por tanto tempo, ele consegue economizar muito mais bateria. Para se ter uma ideia, o *Kindle* da Amazon pode ficar até duas semanas sem precisar ser recarregado, caso não esteja com a Internet sem fio ou a 3G ligada. Nesse sentido, cabe a cada usuário estabelecer as suas prioridades e ver se ele necessita de um aparelho que, além de possibilitar a leitura de livros eletrônicos permite também a realização de muitas outras tarefas (escutar e armazenar músicas, ver e armazenar vídeos, escrever e armazenar textos, jogar, ver e armazenar fotos, etc.) mas que, em contrapartida, emite a luz incômoda aos olhos e precise ser recarregado com mais frequência. Se o objetivo principal do usuário for a leitura de livros eletrônicos, os *e-readers* são mais vantajosos que os *tablets*.

Com relação à praticidade, uma das grandes vantagens do *e-book* é o fato de que ele pode ser comprado em qualquer lugar em que o usuário esteja, desde que conectado a internet. A capacidade com que os *e-readers* e *tablets* podem se conectar com as livrarias em linha é bem interessante. Para se ter um exemplo, atualmente a Amazon já disponibiliza boa parte do seu acervo nos dois formatos (impresso e eletrônico) e, atualmente, vende mais *e-books* do que livros de capa dura que, por serem mais pesados que os livros em brochura, aumentam o custo de transporte encarecendo o produto. (Gelles 2010 apud Silva 2011). Além disso, recentemente (já no segundo semestre deste ano), a Amazon lançou um programa que permite aos portadores do Kindle fazer empréstimos de livros diversos de forma gratuita, por até 14 dias, o que facilita a vida do usuário, que não precisa nem gastar dinheiro para comprar um livro nem se deslocar até a biblioteca mais próxima para pegar um exemplar emprestado. É verdade que já existe o serviço de empréstimo de livros eletrônicos em bibliotecas, mas muitas não permitem o download sem que o usuário vá até ela. Nesse sentido, a Amazon se apresenta como uma grande concorrente aos serviços prestados pelas bibliotecas.

No quesito indexação, atualização e acessibilidade, o livro eletrônico possui vantagens em relação ao livro impresso. Fica mais fácil encontrar o assunto de um livro utilizando as ferramentas de busca dos *e-readers* e *tablets* e com as características da portabilidade e da praticidade, assim a possibilidade de se ter acesso a uma obra foi muito ampliada. Por fim, as obras que necessitam ser atualizadas constantemente pelo usuário ficaram mais fáceis de serem adquiridas, visto que com ações simples, é possível apagar um arquivo ou um livro do dispositivo eletrônico e comprar outro de forma rápida. Por exemplo, livros de direito que costumam ser reeditados anualmente ou que podem até apresentar mais de uma edição por ano costumam ocupar grandes espaços nas estantes das bibliotecas e às vezes demoram para serem descartados ou atualizados. Eles poderão, mais facilmente, ser substituídos por livros novos.

2.2 As funções educativa e social do e-book e do e-book reader

Os *e-book readers* ainda não possuem uma nomenclatura definida (é possível encontrar *e-book*, *e-reader*, *e-book reader*, leitor de livros digitais, em português... Além disso existem os tablets, que dentre tantas funções, abrem espaço para a leitura de livros digitais) também não existe ainda uma pesquisa abrangente que comprove a eficiência destes aparelhos nos métodos de ensino ou nas redes sociais, nem um mercado realmente forte se comparado ao do livro impresso, mas já existem casos de escolas que incluíram os *gadgets* na lista do material escolar. Em Brasília, por exemplo, um dos seus maiores colégios, o Centro Educacional Sigma, irá substituir os seus livros impressos por *e-books*. (MELLO, 2011).

Em exemplos mais abrangentes, vemos a utilização cada vez mais constante dos *e-book readers* na lista dos dispositivos disponíveis para empréstimo nas bibliotecas ou até como material de trabalho dos bibliotecários. É verdade que muitas já possuíam arquivos digitais em seu acervo há alguns anos, mas o ponto agora é um pouco diferente, pois abarca questões distintas dos arquivos que se encontram na internet.

2.2.1 O livro eletrônico como material didático

Com o surgimento de novas tecnologias relativas à leitura, já é possível encontrar em alguns países (como nos Estados Unidos e no Japão) iniciativas abrangentes que possuem como principal objetivo, incluir os *tablets* e, conseqüentemente, o *e-book* na lista dos materiais que serão utilizados pelos estudantes em sala de aula. Sabemos que as edições de livros didáticos constituem, em todos os países, o segmento mais poderoso do setor editorial e que os grupos dedicados a essa atividade se desenvolveram sempre em torno da publicação de manuais escolares (CORRAL, 2003). Da mesma forma, se porventura o mercado dos livros digitais se desenvolver em grande escala, é provável que o mercado dos livros didáticos se desenvolva para criar conteúdos em formato eletrônico exclusivos para o ensino.

A diferença, além de toda a interatividade apresentada por estes “aparelhinhos”, pode estar no fato de que, em sua memória ele pode conter vários livros sem que isso venha comprometer o seu peso, o seu formato ou o seu funcionamento. Em questões de minutos é possível adquirir um novo livro ou deixar de possuir um. Além disso, se é capaz de ler cada livro com o tamanho da fonte que bem quisermos, sublinhar trechos e acrescentar observações, sem que para isso precisemos riscar ou danificar o livro.

É comum os jovens se interessarem por tudo de novo que o mercado oferece. É natural, portanto, que haja um interesse crescente pelos “novos formatos de livros” e pode ser até que os alunos despertem uma curiosidade maior para os conteúdos ministrados em sala de aula. Isso sem contar na possível solução para o grande peso das mochilas dos estudantes.

No entanto, Corral (2003, p. 204) adverte que “superado o ‘efeito novidade’, convirá aprender a utilizar, de modo racional e combinado, os diferentes suportes do conhecimento à nossa disposição”. A mesma autora questiona também se a eventual generalização do *e-book* no século XXI seria favorável ou não à diversidade cultural e linguística e se a sua proliferação em grande escala contribuirá para a democratização da cultura ou para o surgimento de um novo elitismo. “Além disso, graves problemas surgem em matéria de confiabilidade, permanência e responsabilidade da mensagem ou do conteúdo difundidos pela Internet”.

Indagações a parte, uma pesquisa feita pela *Library Research Service* (LRS) em 2009 (em listas de discussões relativas às bibliotecas) e publicada pela *American Libraries Magazine* neste ano mostrou que alguns respondentes acreditavam que os *e-readers* seriam muito mais convenientes para os estudantes do que a grande quantidade de livros impressos. Outros respondentes afirmaram, contudo, que a deficiência das cores nestes aparelhos (os *gadgets* que utilizam a *e-ink* funcionam apenas em preto, branco e tons de cinza) dificultaria a compreensão de gráficos e figuras, o que faria com que o papel, por enquanto, permanecesse como melhor opção para o ensino dos jovens.

Agora que os *tablets* coloridos “invadiram” o mercado de eletrônicos, a compreensão das figuras se torna muito mais fácil, mas, ainda assim, existem os problemas relacionados ao fato de ser necessário recarregar baterias e de que esses aparelhos emitem a luz incômoda aos olhos.

Outra pesquisa, desta vez publicada pela revista *Computers in Library* (2010), escrita por KASER e feita com estudantes do ensino fundamental (que receberam um *e-reader* para teste durante as visitas feitas a biblioteca no período em que frequentavam as aulas de verão) mostrou que poucos deles já haviam tido contato com um leitor de livros digitais. A maioria se mostrou desapontada pela falta de cores, mas 96% dos respondentes afirmaram que o aparelho era confortável ao uso. Mais ainda: quase 85% dos estudantes afirmaram que prefeririam ler os seus livros didáticos no formato eletrônico com a *e-ink* do que no formato impresso.

A respeito das edições eletrônicas, Patino (2008) afirma que as publicações profissionais – os periódicos científicos de áreas diversas, por possuírem conteúdos divisíveis possuem grandes chances de se adaptarem aos novos formatos, assim como os dicionários e enciclopédias, que fazem com que os critérios de acessibilidade e atualidade tornem o meio digital quase indispensável. Com relação aos livros escolares, o autor afirma que os critérios como acessibilidade e indexação que permitiriam aos alunos uma maior facilidade para a realização de pesquisas escolares e a leitura de livros diversos continuam sendo um critério decisivo para a utilização do *e-book*.

2.2.1.1 Casos de Tablets e e-book readers nas escolas

Para mostrar alguns casos pioneiros de utilização de *e-book readers e tablets* em escolas, apresentaremos exemplos de dois grandes países: os Estados Unidos e a Índia. Com relação ao Brasil, ainda temos poucas iniciativas do gênero. Começaremos então com os norte-americanos, onde, de acordo com o sítio Publishing News, no texto *Escolas americanas adotam iPad em casa e em sala de aula*, existem prefeituras encomendando *Ipads* para as suas escolas públicas e alunos os utilizando como material escolar facilitador da aprendizagem. Ainda de acordo com o mesmo texto do sítio Publishing News (2011), “Cada vez mais escolas nos EUA estão adotando o *iPad* como a mais recente ferramenta para lecionar sobre Kafka em modo multimídia, história por meio de jogos como os game shows de TV e matemática por meio de animações passo a passo de problemas complexos”.

Como parte de um programa piloto, a Roslyn High School, de Long Island, distribuiu em dezembro, 47 *iPads* a um preço individual de 750 dólares, a alunos e professores em duas turmas de exatas. Os aparelhos poderão ser usados em sala de aula e em casa, o que, segundo o professor de inglês da escola, permitiria estender o curso para além do edifício escolar. Os pais dos alunos e alguns pesquisadores ficaram preocupados em relação ao real valor didático dos aparelhos. Talvez fosse melhor aplicar o dinheiro no treinamento e recrutamento de novos professores. No entanto, os dirigentes escolares dizem que o *iPad* não é apenas o novo brinquedo da moda, e sim uma ferramenta poderosa e versátil. De acordo com o sítio Mundo dos Tablets (setembro de 2011), já existem sim comprovações que indicam que os alunos que fazem uso dessas novas tecnologias nas escolas rendem cerca de 25% mais do que os que não as utilizam.

As escolas públicas municipais de Nova York encomendaram mais de 2.000 *iPads*, por US\$ 1,3 milhão e até mesmo alunos de jardim de infância estão recebendo os aparelhos. A Pinnacle Peak School, de Scottsdale, Arizona, converteu uma sala de aulas desocupada em um laboratório equipado com 36 *iPads* conhecido como *iMaginarium*, e ele se tornou o pólo central da escola porque, como afirma o diretor, “entre todos os aparelhos que ele oferece, o *iPad* é o que mais atrai a garotada”. No entanto, defensores da tecnologia, como Elliot Soloway, professor de engenharia na Universidade de Michigan, e Cathie Norris, professora de tecnologia na Universidade do Norte do Texas, se preocupam com a possibilidade de que os dirigentes escolares tenham se encantado demais com o *iPad* e por isso desconsiderado opções menos dispendiosas, tais como celulares inteligentes que oferecem benefícios semelhantes a uma fração do custo básico de um *iPad*. De abril de 2010 a janeiro de 2011, a Apple vendeu mais de 7,5 milhões de *iPads*, mas não se sabe quanto desses foram vendidos a escolas. (FUSCO, 2011).

Ainda nos Estados Unidos, a organização *Teach for America* trabalha para que alunos mais necessitados possam ter as mesmas condições que estudantes de escolas particulares. Em uma de suas ações mais recentes, a instituição (em parceria com diversas empresas, inclusive a Apple) promoveu a doação de inúmeros *iPads* que beneficiaram crianças em mais de 38 estados norte americanos. As doações foram feitas por usuários que, ao comprar a versão mais recente do *iPad* lançada no mercado, entregaram os seus *tablets* antigos à Apple, que se encarregou de fazer a doação.

No Brasil, o governo federal gasta cerca de 87 milhões de reais por ano com as trocas de livros didáticos. Segundo o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação, (FNDE), 16% das publicações dos livros do ensino fundamental e médio são repostos todo ano. De acordo com o Ministério da Educação, (MEC), os livros distribuídos tem durabilidade prevista de três anos. Os estados do Norte e Nordeste são os que possuem o maior índice de má conservação do país, com 20%, contra 10% do Sul e 15% do Sudeste e Centro-Oeste. (BLOG DE LAURO, 2011, <http://blogdelauro.blogspot.com>). Uma política de implementação do livro eletrônico no país poderia ajudar a diminuir estes custos. É claro que esta prática seria introduzida em ações de longo prazo, visto que a educação no país ainda possui outras prioridades e que os *e-readers* por aqui ainda apresentam um preço muito elevado. Contudo, no final de setembro deste ano, o mercado brasileiro ganhou um novo modelo de *tablet* da Positivo, (empresa que é destaque na produção de produtos voltados para a educação) o *Ypy*.

Um pouco mais adiantado que a maior parte dos colégios brasileiros, o Centro Educacional Sigma, escola de Brasília, incluirá *tablets* na lista de material escolar de 2012. De acordo com Mello (2011), nos *tablets* estará o material didático produzido com exclusividade para o colégio por um grupo de 30 professores para 16 disciplinas. A escrita manual está mantida e os tradicionais cadernos estarão nas salas de aula. O projeto foi inspirado em modelos de escolas inglesas e escocesas e a expectativa é expandir o projeto para o segundo e terceiro anos do ensino médio em 2013 e 2014. Também está em estudo o uso dos *tablets* por alunos do ensino fundamental, na faixa etária entre 11 e 14 anos.

Ainda no Brasil, pudemos ver também a criação, em 2009, do projeto de indicação (sem força de lei) Vale Livro, que prevê a doação de 50 reais a profissionais do magistério, incluindo supervisores, professores e outras categorias. A verba seria destinada às compras bibliográficas. Quem sabe no futuro, o governo possa subsidiar a compra de *tablets* para os estudantes brasileiros, como fez o governo indiano.

O governo indiano acaba de anunciar a fabricação de um novo *tablet*, o Aakash, (que significa céu em sânscrito), que será fabricado na própria Índia, pela Datawind e vendido ao governo por 50 dólares cada, o que significaria produzir o *tablet* mais barato do mercado até agora. Mais do que isso, o preço do aparelho será subsidiado para os estudantes indianos, chegando ao valor de 35 dólares cada e para a venda em varejo, o

valor será de 61 dólares por aparelho. A técnica aplicada a este *tablet* é inferior a muitas tecnologias já existentes obviamente, mas o que está em jogo aqui são outras questões: a oportunidade de inclusão social que os estudantes indianos terão quando receberem os seus aparelhos será imensa, afinal, o acesso à internet e à leitura será muito mais fácil. (MORIMOTO, 2011).

Infelizmente, a “distribuição” em massa de aparelhos eletrônicos para a população poderá ampliar um fenômeno que já ocorre com certa amplitude mundial, que é o do acúmulo de lixo eletrônico. Uma pesquisa realizada pelo Sindicato Nacional da Edição na França afirmou que um aparelho de leitura eletrônica libera 250 vezes mais CO₂ por ano do que a fabricação de um livro impresso e que é necessário ler ao menos 80 e-books por ano durante o período de três anos com o mesmo aparelho para que a poluição causada na fabricação do tablet/e-reader seja menor do que aquela causada pela fabricação do livro físico. (RASPIDE, 2009).

Apesar disso, cabe à sociedade decidir entre as vantagens relativas à inclusão social trazidas com a implementação de *e-book readers* e *tablets* na educação da população e se estas são superiores aos déficits causados pelo lixo.

2.2.2 O livro eletrônico como parte do acervo bibliotecário

Já faz algum tempo que os livros eletrônicos fazem parte da rotina das bibliotecas que não são vistas apenas como salas de leitura ou pelo menos as bibliotecas que possuem recursos tecnológicos e bibliotecários empenhados. Contudo, até por volta do ano 2005, não se falava ainda em *e-book readers*, pelo menos não com esta nomenclatura. Na verdade, o que existia comumente eram arquivos digitais disponíveis em bases de dados. O usuário podia ter acesso a eles remotamente e de forma gratuita, pelo *site* da biblioteca, ou por algum computador cujo IP (Internet Protocol) estivesse registrado como propriedade da biblioteca assinante do banco de dados consultado.

No início de 2006, contudo, começou-se a falar dos *e-readers* e as discussões a respeito do *e-book* se ampliaram, gerando também um debate dentro da comunidade bibliotecária (pelo menos nos países mais desenvolvidos). O gráfico a seguir, retirado

do Google Trends, representa o momento em que o termo *e-book reader* começou a ser digitado pelas pessoas no motor de busca do Google e quando houve um maior interesse por ele.

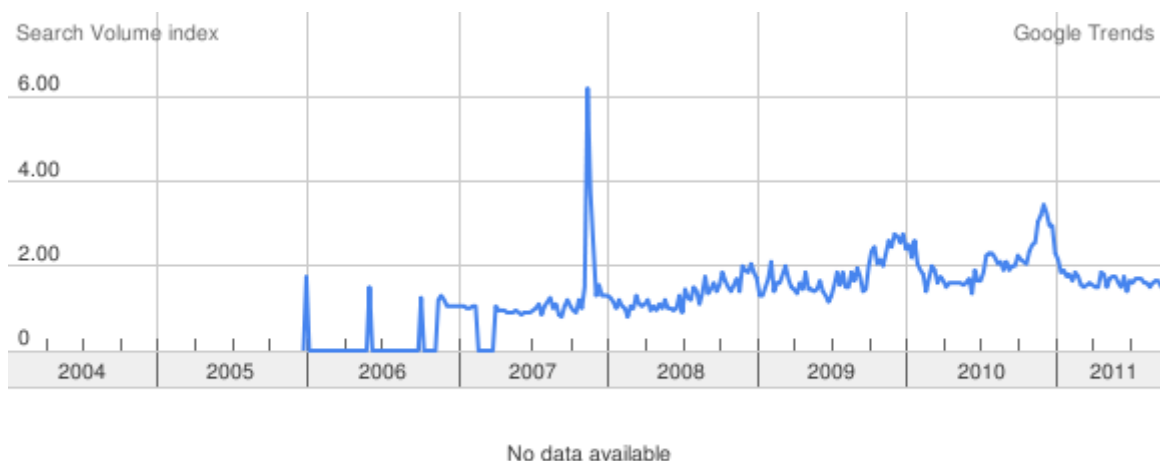


Figura 2: e-book reader no Google
Fonte: Google Trends

Com uma maior popularidade dos leitores de livros eletrônicos, passamos a pensar nas possíveis vantagens de se utilizar esses aparelhos nas bibliotecas. Desde o final do século XX que já é possível encontrar enciclopédias em CD-ROM, logo, a tendência natural das coisas é que no futuro as bibliotecas possuam as enciclopédias, os dicionários e os materiais de referência todos em formato eletrônico. Dificilmente alguém se importaria de ler as informações de um material de referência em um suporte digital, pois, como o nome mesmo diz, são materiais de consulta rápida. Além disso, as características do e-book tais como portabilidade, acessibilidade, possibilidade de atualização mais rápida e o fato de poderem sair mais facilmente da biblioteca facilitam a transformação gradual dos livros de referência em livros eletrônicos.

Com relação às edições profissionais, ou os periódicos científicos, por possuírem conteúdos divididos em artigos, fica mais fácil possibilitar o acesso de boa parte deste material em meio digital. As dificuldades relacionadas aos direitos autorais seriam mais facilmente solucionadas pelos bibliotecários, pois existe a possibilidade do editor deixar disponível na internet alguns artigos ou partes dos artigos publicados.

Livros de literatura (que necessitam de um tempo maior para serem lidos) e livros que exijam um pouco mais de cores e detalhes, como guias de viagens e livros de artes terão menos exemplares no formato eletrônico. Em uma pesquisa publicada pela *American Libraries Magazine* HELGREN, (2011) mostrou que atualmente, a porcentagem de livros de ficção em formato eletrônico lidos no estado do Colorado, Estados Unidos, representa apenas 5% dos livros de ficção lidos pela população. Por outro lado, quando se fala em artigos de periódicos, a porcentagem sobe para 10%, com previsão de chegar a 60% daqui a dez anos, restando 40% em material impresso. A previsão de livros de ficção em formato eletrônico lidos no mesmo estado daqui a dez anos seria de 20%.

Com relação às tarefas de trabalho do bibliotecário, Silva (2011) apresenta algumas mudanças que poderiam ser verificadas nas etapas de trabalho de uma biblioteca, a partir da inserção dos *e-books* e dos *e-book readers* em seus acervos. O autor afirma que no processo de seleção, por exemplo, seria necessário prestar atenção às obras que já caíram em domínio público e, portanto, não sendo necessário pagar pelos direitos autorais, além de cuidado na hora de escolher o *e-book reader* ou o *tablet* que a biblioteca irá fornecer para empréstimo. Mais ainda, verificar se a empresa que fornece o aparelho apresenta a possibilidade de se fazer compras corporativas de livros eletrônicos.

Ao falar dos processos técnicos, Silva (2011) afirma que a catalogação continua sendo uma fase extremamente importante aos serviços de biblioteca, mesmo que a essa fosse para arquivos eletrônicos. Seria necessário apenas colocar a informação de que o documento se trata de um *e-book*. Contudo, a etapa relativa à etiquetagem e organização de livros nas estantes já não seriam mais necessárias aos novos tipos de livros. Com relação ao processo de indexação, ele continuaria sendo essencial para a biblioteconomia, mas será muito mais fácil fazer a etapa de extração de palavras dos documentos.

No Brasil ainda se tenta garantir o acesso das regiões mais distantes dos grandes centros aos processos relacionados à leitura. O governo federal começou finalmente a investir recursos na construção de bibliotecas públicas em todos os municípios brasileiros, mas parece que ainda existem problemas em garantir a construção de novos prédios ou a reforma de antigos para abrigar a biblioteca. Algumas vezes, é mais barato

oferecer internet com a possibilidade de se ler livros em linha do que abrir uma biblioteca.

2.2.2.1 Características e serviços para as bibliotecas em um futuro próximo

Nas bibliotecas de países mais desenvolvidos que o Brasil, já é possível observar a adoção de serviços mais automatizados e uma diferenciação na forma em que o espaço é utilizado. Nesse sentido, é interessante observar como a tecnologia vem sendo implementada nas bibliotecas atuais e quais outros serviços poderemos aplicar a esses espaços em um futuro não muito distante, dependendo da quantidade de recursos oferecidos a cada instituição. A esse respeito, apresentaremos a seguir uma série de mudanças que poderão ser introduzidas nas bibliotecas, fazendo, para isso, uma adaptação do artigo Trends: What will impact the library in the next few years? (Tendências: o que vai impactar a biblioteca nos próximos anos?).

Inicialmente abordaremos a questão do espaço: as novas bibliotecas já estão projetando os seus espaços ao redor de novas visões. A sustentabilidade ambiental está sendo levada em consideração a partir da programação de políticas para minimizar o desperdício, reduzindo o uso de papel, e incentivando a reciclagem na biblioteca. Edifícios também estão sendo projetados colocando ênfase na acessibilidade e incorporando espaços que incentivam o engajamento da comunidade e da aprendizagem. Com a crescente utilização de documentos eletrônicos pelas bibliotecas e por seus usuários, a probabilidade de que o espaço físico destinado aos acervos diminua é grande. Devemos então começar a pensar na possibilidade de novos usos para os espaços vagos.

Um dos usos previstos pode ser o investimento em novas tecnologias: telas *touch screen* para acesso aos diferentes catálogos e unidades de auto-atendimento para empréstimos e devoluções são uma boa opção.

Outra possibilidade para o maior espaço nas bibliotecas seria o da inclusão social. Fala-se muito em projetos que ampliem o hábito da leitura na população, mas poucas ações são realmente colocadas em prática. Notou-se, inclusive, uma ausência de literatura abrangente na área de biblioteconomia que trate de projetos de incentivo à

leitura para jovens e adultos pouco instruídos. É possível ver mais trabalhos que tratem da inclusão social para crianças ou também que tentam criar o gosto pela leitura para crianças, mas poucos são os estudiosos que focam as suas pesquisas para os jovens e adultos. Observamos com certa frequência também ações que buscam jovens carentes ou de baixa renda para a prática de esportes, mas raramente ouvimos falar de bibliotecas com ações mais incisivas à inclusão social dessa população. Destinar espaços nas bibliotecas públicas municipais e estaduais para aprimorar a educação de jovens se faz necessário e os livros eletrônicos, com a sua interatividade, pode ser um importante vetor para este processo.

No que diz respeito aos novos serviços que poderão ser implantados futuramente, podemos citar mudanças no serviço de referência, com a ampliação do acesso às bases de dados e a documentos que utilizem a questão do acesso aberto ou *open access*, já tratada neste trabalho. A questão do marketing poderá ser também aprimorada, por meio da utilização de ferramentas virtuais, tais como a participação das bibliotecas nas redes sociais, como Facebook e Twitter ou ainda a promoção de vídeos, páginas na Internet e o aumento da interatividade com o usuário. É bem verdade que várias bibliotecas, inclusive brasileiras (como exemplos podemos citar a Biblioteca Central dos Estudantes da Universidade de Brasília, a Biblioteca da Câmara dos Deputados, a Biblioteca do Senado Federal, entre tantas outras), já fazem uso das redes sociais para a promoção dos seus serviços, mas seria interessante se futuramente pudessemos ter uma ampliação destes serviços para as bibliotecas públicas brasileiras.

Ainda sobre os novos serviços que poderão ser oferecidos futuramente, podemos citar as coleções eletrônicas que facilitam o acesso do usuário às obras, bem como os serviços de referência eletrônicos: solução de dúvidas instantaneamente, a qualquer hora do dia e em qualquer dia da semana, sem que o usuário precise ir a uma biblioteca, além do serviço de empréstimo de materiais em linha ou do empréstimo de livros eletrônicos, ou ainda, do empréstimo de leitores de livros eletrônicos. Vale lembrar que os processos de digitalização de documentos se tornam fundamentais para a realização de alguns desses serviços: para que um usuário possa observar detalhes de uma obra rara sem ter que ir até a biblioteca, por exemplo, é necessário que antes alguém tenha digitalizado (com muito cuidado) a obra e disponibilizado o resultado desse processo na Internet.

Além disso, será fundamental que, no futuro, as bibliotecas públicas brasileiras possam oferecer aos seus usuários, um acesso de qualidade à Internet e aos meios necessários para este acesso, tais como computadores, *laptops*, *tablets*... Além de estarem elas mesmas, conectadas em rede com outros órgãos e outras bibliotecas, para a troca e o compartilhamento freqüente de ideias e serviços inovadores.

2.2.2.2 O livro eletrônico e a Biblioteca Pública no Brasil

A mobilização do governo federal em prol da biblioteca pública, da leitura e do acesso aos livros finalmente foi ampliada graças a implementação do projeto Mais Cultura, do Ministério da Cultura (MinC). De acordo com o site do projeto (2009), o objetivo do programa era levar ao menos uma biblioteca pública para as 661 cidades que ainda não possuíam esta estrutura, de acordo com os dados do governo em 2007. Para isso, o MinC começou investindo 37,18 milhões de reais na aquisição de kits que seriam entregues aos municípios até julho de 2009. Cada um dos kits incluía dois mil livros, mobiliário, computador, televisão, aparelho de DVD e de som. Para garantir que todos os municípios fossem beneficiados, o ministério lançou também a campanha “Cada Município, uma biblioteca”, na qual o cidadão poderia ajudar a fiscalizar se de fato esses equipamentos chegaram a sua cidade.

No Brasil, 73% dos livros estão concentrados nas mãos de apenas 16% da população, segundo a Pesquisa de informações Básicas Municipais de 2006, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Por essa razão, o Piauí seria o estado que implantaria o maior número de bibliotecas públicas municipais do programa: o estado vai receber 136 kits para a instalação das bibliotecas, com um investimento de 7,9 milhões de reais. Outra ação de estímulo à leitura promovida pelo governo seria a modernização das bibliotecas já existentes, nas quais foram investidos 24,312 milhões de reais em 2008. As unidades receberam mil livros, mobiliário, almofadas, pufes, tapetes e telecentro digital com acesso à internet em alta velocidade (banda larga). (<http://www.cultura.gov.br/site>).

Como exemplo do resultado da ação, podemos citar a cidade de Jambuí, a 116 quilômetros da capital paulista, que recebeu o kit biblioteca no final de agosto de 2009. A prefeitura do município investiu 80 mil reais na construção do prédio novo e passou a

promover ações, como por exemplo, a realização de oficinas, para atrair o público. Já no primeiro mês de funcionamento, 70 dos seis mil habitantes se tornaram sócios da biblioteca.

No entanto, ainda de acordo com o site do projeto Mais cultura, a falta de adesão dos municípios frustrou a meta do governo Lula (2003-2010) de garantir pelo menos uma biblioteca pública para cada cidade brasileira até o final do seu mandato. Embora o governo federal tenha comprado kits com livros e estantes e distribuído para centenas de prefeituras pelo país, muitas não inauguraram sua biblioteca, seja por falta de interesse ou de espaço para abrigá-la. Entre 2008 e 2010, foram distribuídos kits para 1.126 municípios brasileiros. Desses, apenas 215 enviaram documentação comprovando a abertura da biblioteca. O município que recebe o kit deve em contrapartida, providenciar uma sala e um funcionário.

Como pode ser observado, a construção de uma biblioteca física é um procedimento bem complexo. É claro que estes passos são extremamente importantes para os processos culturais, educacionais e sociais dos brasileiros, mas seria interessante se os recursos para promover o acesso à internet também fossem ampliados. Isso porque de alguns tempos para cá, ficou mais fácil fornecer equipamentos para garantir o acesso à Grande rede do que construir prédios. O portal Domínio público (www.dominiopublico.gov.br), por exemplo, possui uma coleção abrangente de livros, músicas e vídeos em formato digital e em diferentes idiomas.

Em alguns países, como nos Estados Unidos, o livro eletrônico, quando não está em domínio público, pode custar quase 60% menos do que a mesma obra em formato impresso. (ALBANEL, 2010). No Brasil, os custos do *e-book* (tanto dos livros para compra quanto os aparelhos para a leitura) ainda são elevados, até porque o mercado destas novas tecnologias por aqui ainda não se desenvolveu o suficiente. No entanto, se o setor receber investimentos, é provável que haja também uma ampliação no índice de pessoas com acesso a leitura no país.

2.2.2.3 A digitalização de livros e documentos

Já existem bibliotecas investindo na digitalização de livros e documentos como meio de preservação e garantia de acesso remoto. O assunto é um pouco delicado

devido aos custos e às questões relativas aos direitos autorais e, por isso, nem todas as digitalizações podem ser acessadas publicamente. Contudo, a maior parte do conteúdo digitalizado por bibliotecas (a princípio instituições sem fins lucrativos) já pode ser acessada via internet. Como exemplo desse tipo de ação podemos observar em Paris, França, o projeto Gallica 2, criado pela Biblioteca Nacional da França (BNF) e lançado na primavera de 2008. O Gallica 2 é uma plataforma de armazenamento de acesso livre e que conta hoje, com mais de um milhão de livros e documentos.

No Brasil, ainda existem poucas iniciativas deste gênero, mas podemos citar o projeto iniciado pela Universidade de São Paulo (USP), em 2009. Até o ano passado, a instituição disponibilizou 1.200 volumes da coleção de 40.000 volumes doada por José Mindlin em 2006. O mesmo projeto conta com financiamento de R\$ 1,8 milhão do Ministério da Cultura e da Fapesp. “Quase nada se comparado aos 14 milhões de euros anualmente destinados ao projeto da francesa Gallica. Na França, toda compra de equipamentos audiovisuais implica o pagamento de imposto reservado para a digitalização do acervo da BNF.” (Portal da cultura, 2010). A intenção da biblioteca da USP é colocar em linha todo o acervo livre de direitos autorais.

Também em São Paulo, a Biblioteca Mário de Andrade, maior biblioteca pública do país, lamenta a falta de políticas mais sólidas para as digitalizações dos livros no Brasil. Entre 2000 e 2006 a instituição conseguiu disponibilizar apenas 200 obras raras e quatro mil do acervo de 3,3 milhões de itens.

No Rio de Janeiro a Biblioteca Nacional (BN) possui, desde 2006, um laboratório próprio e uma equipe de oito pessoas responsáveis pela digitalização do acervo. “O financiamento vem de instituições estrangeiras como a Unesco, a Mellon Foundation e a brasileira Finep [...] No site, o usuário tem acesso a 30 mil itens, entre eles cinco mil áudios e oito mil imagens.” (Portal da cultura, 2010).

No Distrito Federal, a Biblioteca da Universidade de Brasília (BCE/UnB), a maior da cidade, não possui planos para a digitalização do seu acervo físico, composto por mais de 500 mil livros. De acordo com a BCE, a UnB não disponibilizou ainda, recursos para o início desse tipo de atividade. No entanto, a instituição já apresenta uma biblioteca digital das teses e dissertações produzidas pelos seus pesquisadores e estudantes. Ainda em Brasília, a Biblioteca do Senado Federal disponibiliza via internet, graças a um projeto iniciado em 2009, 180 (4,5%) das quatro mil obras raras da

instituição: são mapas e relatos dos séculos XVII e XVIII e documentos históricos. (Portal da cultura, 2010).

2.2.3 O livro eletrônico como instrumento de socialização

As funções sociais estão no centro das estratégias de venda de muitos produtos e com os leitores de livro eletrônico isso não poderia ser diferente: a leitura também se tornou uma experiência social. Cada vez mais o ser humano se comunica, compartilha, agrega valores e cada um, a sua maneira, contribui para trazer inúmeras informações para a sociedade com a qual convive. Com a leitura isso também acontece. É possível sugerir obras aos amigos, dividir livros, discutir opiniões, analisar conceitos, obter informações a respeito dos personagens de uma história clicando em seus nomes, ler um livro em conjunto com um amigo... Seria a ideia de um clube de leitura virtual. De olho nas funções sociais da leitura, o mercado dos *e-book readers* vem oferecendo opções para garantir o compartilhamento de informações.

Alguns aparelhos, como o Nook da Barnes and Noble se preocuparam desde o início com as questões sociais do *e-book*: com o aparelho é possível, por exemplo, emprestar seus *e-books* a seus amigos. Os últimos modelos de *Kindle* da Amazon permitem o compartilhamento de textos de livros sublinhados pelo usuário e o envio dos trechos por Twitter ou Facebook. Na comunidade virtual Authonomy.com (<http://www.authonomy.com>) é possível que o autor publique seu livro e os usuários monitorem, comentem e avaliem o livro. A Sony criou também a sua própria rede, em que a cada mês convida os leitores, os blogueiros ou os escritores para compartilharem as suas anotações, suas críticas e seus textos com os outros membros da rede. É, portanto, uma iniciativa mais baseada na criação de uma comunidade ao redor do *e-reader* do que na implementação de funções sociais em um aparelho eletrônico.

Algumas pessoas adoram a ideia da leitura social e outras não gostam muito e preferem fazer da leitura um hábito solitário. Contudo, as funções sociais e as redes sociais estão aparecendo cada vez mais em nosso dia a dia. É claro que existe o “efeito da novidade”, mas existe também a necessidade humana de comunicação e adaptação ao que é novo.

No Brasil, ainda não é possível observar a questão social do *e-book* sob o mesmo aspecto, até porque o mercado da leitura digital ainda não se desenvolveu consideravelmente por aqui. Além disso, “o Brasil é um país em que poucos têm acesso a livros e, por isso, poucos leem. Essa verdade [...] agora foi confirmada pelo 1º Censo Nacional das Bibliotecas Públicas Municipais, feito pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) para o Ministério da Cultura (Minc), em 4.905 cidades de todas as regiões.” (BLOG PRÓ-LEITURA, 2010, <http://blogs.cultura.gov.br/pro-leitura>). O que se espera agora é que os investimentos do programa Mais Cultura do governo em bibliotecas possam garantir um melhor resultado a respeito do hábito de leitura do brasileiro em um futuro próximo.

2.3 A economia do livro eletrônico

Atualmente, nos Estados Unidos, um dos maiores consumidores de livros eletrônicos do mundo, a porção de *e-books* lidos pela população representa aproximadamente 5% de todos os livros consumidos no país. No entanto, Béhar, Colombani e Krishnan (2010) prevêm que os livros eletrônicos poderão representar de 15 a 25% do mercado livreiro em 2015.

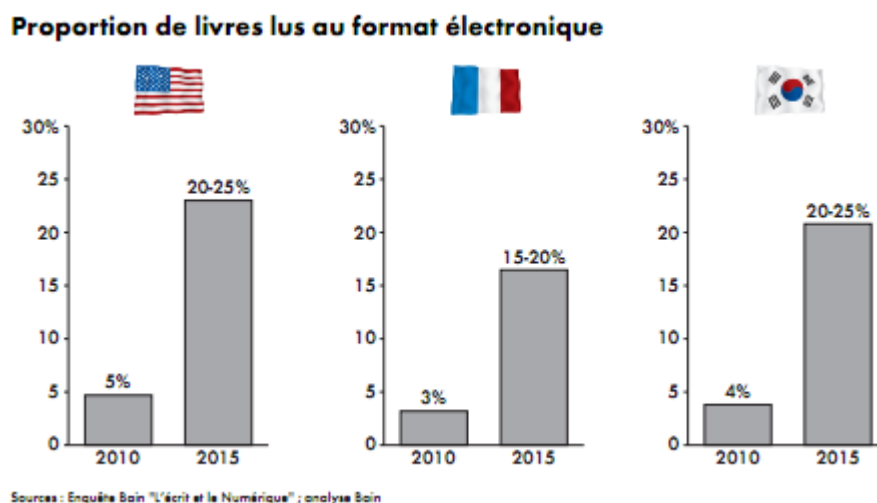


Figura 3: Proporção de livros lidos em formato eletrônico
 Fonte: (Béhar, Colombani e Krishnan, 2010)

Os autores explicam que a migração para o suporte eletrônico se deve principalmente a dois fatores: a simplificação do ato de compra destes produtos e o fato de os usuários poderem tanto ter acesso a bibliotecas portáteis quanto eles mesmos poderem criar as suas próprias bibliotecas portáteis. Além disso, o preço dos principais suportes eletrônicos para leitura de livros (*e-book readers* e *tablets*) começou a cair:

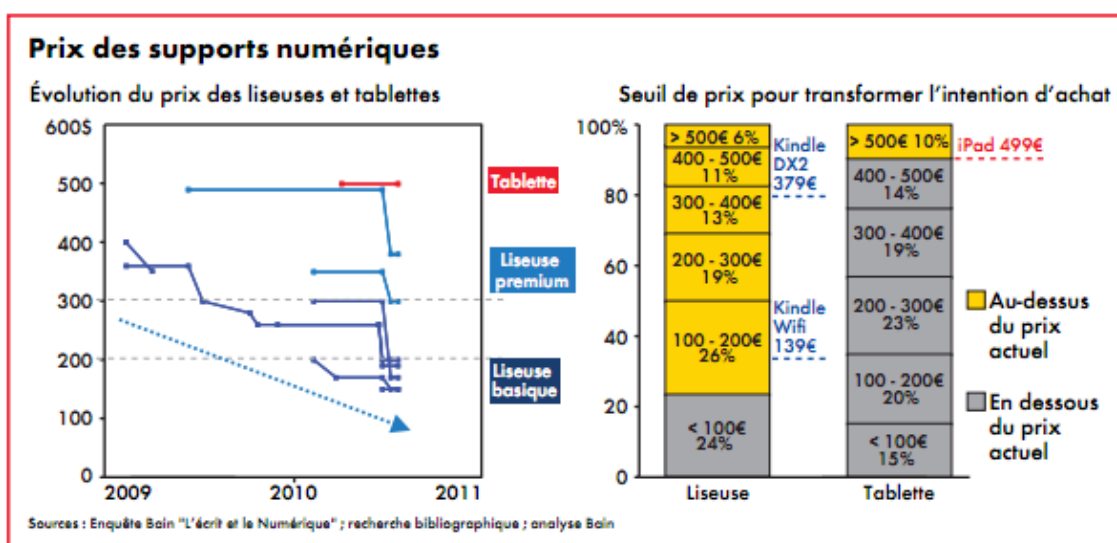


Figura 4: Preço dos suportes eletrônicos
Fonte: (Béhar, Colombani e Krishnan, 2010)

O consumo do livro eletrônico está crescendo. No entanto, Béhar, Colombani e Krishnan, (2010) afirmam que o livro não deverá passar pelos mesmos problemas da indústria musical, visto que os leitores que começaram a se utilizar de aparelhos para a leitura eletrônica continuam profundamente ligados aos formatos impressos, deixando aos *e-readers* e/ou *tablets* apenas os usos complementares. Além disso, a fragmentação que se pode fazer com o livro é inferior àquela feita com os álbuns de música, o que torna a mudança em prol dos formatos eletrônicos ainda mais gradual.

Ainda na pesquisa feita por Béhar, Colombani e Krishnan (2010), com os Estados Unidos, a França, a Alemanha, a Coreia do Sul, o Japão e o Reino Unido, no que diz respeito aos usuários das novas tecnologias do livro, os compradores mais imediatos são, em sua maioria, os grandes leitores e os consumidores mais jovens,

sendo que mais de 40% dos leitores equipados com um leitor de livros eletrônicos declararam que lêem mais do que antes.

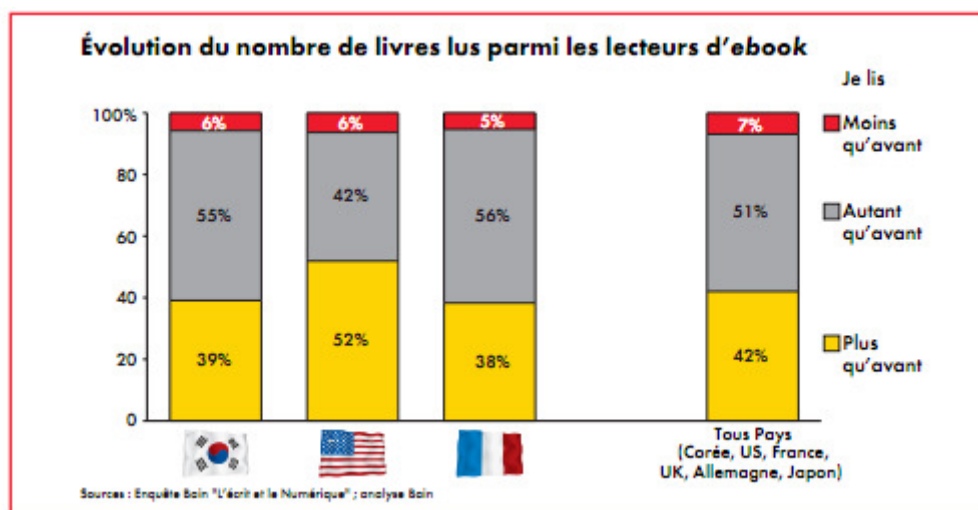


Figura 5: Evolução do número de livros lidos
Fonte: Fonte: (Béhar, Colombani e Krishnan, 2010)

Ainda com relação aos consumidores dos livros eletrônicos dos países pesquisados por Béhar, Colombani e Krishnan, (2010), 70% dos utilizadores de *e-readers* e/ou *tablets* responderam que compram a maior parte dos seus *e-books*, sendo que o gênero literário preferido para compras é a literatura em geral. Nesse sentido, vale ressaltar que a respeito do que foi dito aqui anteriormente, de que os livros de referência tenderiam a se transformar em puramente digitais em pouco tempo se comparado com os livros de literatura, continua sendo verdadeiro. Isso porque são poucos os leitores que fazem questão de comprar enciclopédias ou muitos dicionários. É normal vermos bibliotecas comprando este tipo de material e a preferência pelo formato digital acontece pela economia de espaço e de preço, além da possibilidade de atualização constante.

Apesar de 70% dos consumidores comprarem a maioria dos seus *e-books*, 90% dos leitores de informações diárias (imprensa da informação) afirmaram que só lêem aquilo que está disponível de forma gratuita na internet. Dos 10% restantes, 43% estão dispostos a pagar por informações de sua cidade ou região (informações locais).

2.3.1 Amazon e Apple

No que se refere aos aparelhos utilizados para a leitura dos *e-books*, podemos observar que existem vários modelos no mercado, de marcas bem diferentes. No entanto, atualmente as duas variantes que mais se destacam nas notícias são o *Kindle*, da Amazon e o *iPad* da Apple. (mesmo que por enquanto seja muito cedo para afirmar que a leitura de documentos seja o foco principal dos *tablets*. Afinal, uma pessoa pode, por exemplo, comprar um *iPad* sem nunca chegar a ler um livro sequer no aparelho).

De acordo com Benhamou e Guillon (2010), o *Kindle* foi lançado nos Estados Unidos em novembro de 2007 com um catálogo de 90.000 títulos, sendo considerado o primeiro *e-reader* associado a uma plataforma de distribuição de conteúdos. Seis meses depois, a Amazon vendia 15 exemplares de livros eletrônicos a cada 100 exemplares impressos para as obras disponíveis nas duas versões. No final de 2009 o catálogo contava com 360.000 títulos recentes e a relação de venda entre livros eletrônicos e impressos passou a 47 por 100. Para garantir uma grande venda de *e-books*, a Amazon oferece o preço de no máximo 9,90 dólares pelos lançamentos. Para isso, a empresa chegou a comprar livros por até 13 dólares, obtendo prejuízos para priorizar a venda do *Kindle*. O mercado do livro eletrônico cresceu 177% em 2009, em parte graças a Amazon. Por outro lado, grandes editoras, como a MacMillan, recusaram a política da empresa, o que acabou prejudicando um pouco o seu rendimento.

No começo de 2010, a Apple lançou o seu *tablet*, o *iPad*, com uma política de vendas mais favorável para os editores: os livros novos custariam até 14,99 dólares, sendo que, independente do valor do produto, 30% do valor de venda iria para a empresa e o restante, os 70%, para as editoras (que fazem as suas divisões com relação ao lucro do autor e dos outros componentes do mercado livreiro). Além disso, as vendas de livros para o *iPad* são feitas a partir da plataforma *iBook*, da *Apple Store*. Os *tablets* são plataformas mais multifuncionais, que são utilizadas para muito mais coisas do que a simples leitura de documentos em geral (em contrapartida, emitem a luz branca incômoda aos olhos). Talvez por isso, em menos de três meses depois do anúncio do surgimento do *iPad* as vendas já haviam passado de 1 milhão de dispositivos e mais de 1,5 milhão de livros baixados no site da Apple (até março de 2010).

Quando a Amazon dominava sozinha a venda dos aparelhos para leitura de livros eletrônicos a Apple lançou o *iPad* e mudou os rumos do mercado e as características destes aparelhos. Agora, para competir com a Apple, a Amazon lança o *Kindle Fire, tablet* também multifuncional. Apesar de o novo aparelho possuir características inferiores às do *iPad*, (TOZETTO, 2011) o preço de venda básico ficará na casa dos 200 dólares, o que será um atrativo se comparado aos 500 dólares pagos pelo mais barato dos *iPads*.

Para as bibliotecas resta uma grande confusão: já existem empresas fabricando *e-readers* com características que podem facilmente ser adaptadas àquelas apreciadas para o uso em bibliotecas, mas o sistema ainda precisa de muitos ajustes. Para se ter uma idéia, a maior parte das bibliotecas que faz empréstimo de livros eletrônicos por meio de plataformas, faz também o empréstimo do aparelho para a leitura dos livros. Isso porque alguns dispositivos não permitem o empréstimo de um livro de um aparelho para outro nem o download de um livro comprado pela biblioteca para o aparelho de um usuário.

Com relação ao empréstimo de *e-books*, a empresa Overdrive, que permitia com que usuários de determinadas bibliotecas fizessem o empréstimo de livros por meio de uma plataforma em comum entre a biblioteca e a empresa. Magid (2011) explica que o processo é semelhante ao empréstimo de livros físicos: o bibliotecário adquire um número fixo de licenças e caso todos os livros estejam emprestados, deve-se esperar para se ter acesso aquele título novamente. Com relação a devolução, não é necessário se preocupar, visto que após a data limite do empréstimo o livro simplesmente expira do aparelho do usuário. No entanto, em outubro de 2010 a Overdrive resolveu impor algumas regras para evitar que a venda de *e-books* caísse no Reino Unido: se o livro pode ser emprestado sem controle de qualquer lugar do mundo, dificilmente alguém compraria um livro. A primeira regra exigia que o *e-reader*, para ser carregado, deveria ser levado até a biblioteca, ou seja, o empréstimo remoto não era mais possível e os usuários que não possuíam um *e-reader* e sim um computador de mesa não poderiam mais fazer o download do livro. A segunda regra previa o pagamento de uma taxa pela biblioteca para que ela pudesse ter o direito de empréstimo. A última regra exigia que a biblioteca tivesse uma forte associação dos membros no território circunvizinho.

Para as bibliotecas que optaram pela compra de *Kindles*, a Amazon começou a permitir o empréstimo de livros com vigência de direitos autorais entre dispositivos pelo período de no máximo 14 dias e por apenas uma vez, o que não representa grandes vantagens para as bibliotecas e faz com que os bibliotecários emprestem o dispositivo (*Kindle*) junto com o livro, ao invés de emprestar apenas o *e-book*.

No Brasil, a prática de empréstimo de *e-books* ainda não é comum. Além disso, a primeira loja de venda de livros eletrônicos no país (a Gato Sabido) só foi aberta em 2009, com 130 títulos em português e após três meses, 850 títulos em português e 100.000 títulos em inglês. Em março de 2010, a Livraria Cultura também entrou no mercado de vendas de livros digitais, oferecendo 500 títulos em português e outros 120.000 em outras línguas. (<http://publishingperspectives.com/2010/04/amazonian-brazilian-booksellers-publishers-begin-big-digital-push/>)

Para Kiriakova et al. (2010), as bibliotecas ainda não devem investir nem tempo nem dinheiro nos livros eletrônicos. Para os autores, não há dúvidas de que um dia os *e-books* terão grandes espaços destinados a eles dentro das bibliotecas, mas por enquanto, é preferível esperar mais um pouco para que o mercado e as tecnologias se desenvolvam mais. Cabe aos bibliotecários de hoje garantir o acesso aos arquivos digitais disponíveis em bases de dados e nas páginas das bibliotecas na internet.

2.3.2 As editoras, as plataformas e o direito autoral

Com um mercado atualmente fragmentado e ainda em crescimento, as editoras que decidem investir na publicação de livros eletrônicos possuem ainda um futuro incerto. Ele pode vir acompanhado de grandes oportunidades ou sofrer por problemas diversos. Provavelmente, a evolução irá variar de acordo com os segmentos da oferta, as estratégias de oferta e a evolução do uso dos *e-books* (BENHAMOU; GUILLON, 2010).

É possível que as editoras passem cada vez mais a investir na publicação de livros no formato eletrônico. No entanto, Kon, Gosalia e Portelette, (2011) bem como Béhar, Colombani e Krishnan, (2010) afirmam que não basta apenas investir na digitalização de livros impressos. Para que o mercado editorial continue em alta, será preciso se reinventar e produzir conteúdos que ultrapassem a simples digitalização de

livros físicos. Neste sentido, Kon, Gosalia e Portelette, (2011) montaram uma lista de novas atribuições para os editores: desenvolver produtos verdadeiramente novos; oferecer uma grande oferta de títulos interativos; fazer pesquisas de mercado com amostragens; desenvolver ofertas inovadoras; fazer parcerias com outras editoras e realizar vendas cruzadas (*Cross-selling*); definir normas e métricas para publicidade; transformar o fluxo de trabalho das organizações.

Em um esquema simplificado, Benhamou e Guillon (2010) mostram que em relação ao livro eletrônico, ele pode sair do autor e cair direto nas mãos dos consumidores, sem necessariamente (mas podem) ter de passar por difusores ou agentes comerciais. Neste sentido, Corral (2003) nos conta um caso curioso: no ano 2000, Stephen King resolveu disponibilizar de forma gratuita em sua página da internet o primeiro capítulo para a obra *The Plant*, texto que podia ser baixado por qualquer endereço eletrônico. Contudo, o autor solicitava a cada leitor que lhe enviasse, voluntariamente, um dólar por capítulo, advertindo a todos que deixaria de escrever a sua obra caso a soma recebida não correspondesse a, no mínimo, 75% de seus leitores. No começo a proposta do autor foi bem aceita, mas após a publicação do sexto capítulo o índice de pagantes caiu para 46%, o que fez com que o autor acabasse por terminar de publicar a sua obra de modo tradicional, após embolsar 600.000 dólares.

A experiência foi bastante discutida nos fóruns de internet da época e o autor acabou por receber mais elogios do que críticas. Além disso, acabou por propor um novo paradigma para o direito autoral, baseado no pagamento voluntário e por introduzir o conceito de uma edição sem editores, apesar de que a maior parte dos seus defensores concluiu que este tipo de experiência só daria certo com autores bem populares. Já é possível, dentro desta lógica, perceber que um autor popular que quisesse escrever um livro no formato digital poderia fazer por conta própria ou continuar a sua relação com a sua editora ou, ainda, se endereçar diretamente a um distribuidor digital, que faria com que o lançamento do *e-book* fosse divulgado em várias páginas da internet.

Com relação às plataformas de acesso aos livros eletrônicos, Benhamou e Guillon (2010) afirmam que por enquanto elas se prestam a duas funções essenciais: o armazenamento das obras e a referência, que possui uma característica estratégica principalmente para os livreiros, que precisam de um catálogo completo com o qual eles

possam facilmente interagir. Ainda a respeito das plataformas, os consumidores atuais utilizam preferencialmente aquelas associadas ao seu material de leitura. Por exemplo: o dono de um *Kindle* faz a maior parte das suas compras por meio do site da Amazon. Isso se deve a dois fatores: o primeiro pelo fato de que poucos tipos de documentos são compatíveis com cada plataforma e o segundo porque o consumidor pode ter direito a ofertas exclusivas do seu provedor ao realizar as suas compras. Os autores explicam que estas configurações, marcadas pela integração vertical, possuem três grandes inconvenientes: podem ampliar o poder de mercado das grandes empresas da área, criando barreiras para a entrada de novos concorrentes e retardando assim, a evolução do mercado. Para amenizar estes problemas, Benhamou e Guillon (2010) sugerem a adoção de configurações de interoperabilidade, que serviriam para a adoção de normas técnicas comuns para os diferentes fabricantes de *e-readers* e *tablets*, principalmente no que diz respeito ao formato dos arquivos disponibilizados para download.

No que concerne ao direito autoral, é sabido que cada país dispõe de suas próprias leis. Ainda assim, é possível que o autor de uma obra seja reconhecido também em um país diferente do seu. O dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia considera o direito autoral como sendo:

O direito que assegura ao autor de obra literária, artística ou científica, a propriedade exclusiva sobre a mesma, para que somente ele possa fruir e gozar de todos os benefícios e vantagens que dela possam decorrer, segundo os princípios que se inscrevem na lei civil.

No Brasil e em vários países do mundo não é dado ao usuário o direito de copiar uma obra ou parte dela. Na França, o uso dos direitos autorais ainda está longe de um consenso, no que diz respeito a interoperabilidade de conteúdos. Na verdade, os consumidores de *e-books* reivindicam a possibilidade de lerem o mesmo arquivo, ou o mesmo livro, em várias plataformas e suportes diferentes, apesar da chance de aumento da pirataria. Patino (2008) afirma que se deve encontrar um ponto de equilíbrio entre a proteção dos conteúdos e a flexibilização dos mesmos para a utilização dos usuários. O autor continua a sua argumentação falando que um dos grandes problemas da falta de flexibilidade dos direitos autorais é a ampliação da pirataria. Ele explica que um

mercado de qualidade que não cobrasse preços abusivos pelas suas mercadorias estaria mais propenso a diminuir as cópias ilegais de suas obras.

A questão dos direitos autorais, apesar de enfrentar problemas no mundo todo, pode ser vivenciada em diversas questões relativas aos livros eletrônicos, além da própria pirataria e do direito de cópia de livros: vimos que o Google fez acordos para poder digitalizar obras sob a proteção de direitos autorais (Google book search) e que bibliotecários podem enfrentar problemas durante o empréstimo de *e-books* por não poder utilizar um mesmo livro em *e-readers* diferentes.

Acreditamos que o valor pago ao autor de cada livro é fundamental e por isso não pode ser retirado, já que não deixa de ser um pagamento pelo trabalho dele. No entanto, seria interessante se pudéssemos fazer regras diferentes para mercados diferentes. Bibliotecas não possuem fins lucrativos e são instituições que auxiliam na educação e no desenvolvimento da população. Poderia ser garantido a elas ao menos o direito de copiar as obras para os seus inúmeros dispositivos e suportes, sem que o usuário pudesse fazer a mesma coisa...

2.3.3 Livro impresso e livro eletrônico: diferentes custos.

Quanto custa um livro eletrônico? Esta foi a pergunta feita por Bienvenu (2010) como ponto de partida de um estudo realizado na França, a partir da análise de 5 modelos de *e-books*: um romance, 256 páginas, formato grande; um ensaio científico, 320 páginas, formato grande; um guia prático (cozinha, artesanato, turismo), 320 páginas, formato grande, com 400 ilustrações; um álbum ilustrado, 192 páginas, formato grande, com 100 ilustrações e uma revista em quadrinhos, 48 páginas em formato grande. Para cada modelo de título os custos foram calculados de acordo com quatro parâmetros: digitalização a partir de um livro impresso; recuperação e estruturação dos dados a partir de arquivos de computador; produção de atualizações e criação de conteúdos multimídias para os livros. Além dos critérios utilizados, existem ainda as taxas de direito autoral, de arquivamento, de desenvolvimento gráfico, de arquivamento, manutenção, marketing... Essas taxas estão além do preço inicial de fabricação do livro e geralmente são cobradas para o distribuidor geral (editoras, livrarias em linha, *e-commerce*, entre outros).

O livro eletrônico não possui custos, o livro eletrônico é mais barato que o livro impresso, o livro eletrônico é mais caro que o livro impresso, ele custa a mesma coisa que um livro impresso... Ufa! O autor do estudo explica que todas essas informações ecoaram por mídias diversas e frustraram a realização de estudos mais objetivos. Com o desenvolvimento de aparelhos que tentam fazer com que a leitura de arquivos digitais se aproxime cada vez mais da leitura do livro em papel, é interessante utilizar ferramentas que atraiam a atenção do consumidor e isso exige custos. Não basta apenas disponibilizar textos em formato PDF. O estudo não levou em consideração os preços de venda dos *e-books*, que dependem da estratégia adotada por cada editor, distribuidor e autor.

Bienvauli (2010) apresentou o resultado dos seus estudos em duas tabelas: a primeira a respeito dos custos e a segunda da rentabilidade.

Custos

	ROMANCE	ENSAIO	GUIA	LIVROS ILUSTRADOS/ FOTOGRAFIAS	REVISTASEM QUADRINHOS
Sem Digitalização	1 199€	1 572€	2 866€	2 866€	502€
Com Digitalização	665€	904€	1 586€	1 586€	214€
Lançamentos	151€	277€	513€	513€	70€
Custo Médio	672€	918€	1 685€	1 685€	262€
Custos de Direitos de Reprodução das Ilustrações			1 500€	1 500€	
Custo de Multimídia	750€	1 500€	12 000€	5 000€	750€
TOTAL	1 422€	2 418€	15 185€	8 185€	1 012€

Rentabilidade

	ROMANCE	ENSAIO	GUIA	LIVROS ILUSTRADOS/ FOTOGRAFIAS	REVISTASEM QUADRINHOS
Preço de Venda	12,99€	12,99€	14,99€	14,99€	4,99€
Lucro do Editor (30% sem taxa)	3,26€	3,26€	3,76€	3,76€	1,25€
Ponto Morto de Vendas/ Média (com conteúdo multimídia)	436 ex.	742 ex.	4039 ex.	2177 ex.	809 ex.
Ponto Morto de Vendas/ Média (sem conteúdo multimídia)	206 ex.	282 ex.	847 ex.	847 ex.	209 ex.
Ponto Morto de Vendas/Lançamento (com conteúdo multimídia)	277 ex.	545 ex.	3 751 ex.	1 889 ex.	655 ex.
Ponto Morto de Vendas/Lançamento (sem conteúdo multimídia)	46 ex.	85 ex.	560 ex.	560 ex.	56 ex.

Figura 6: Custos e rentabilidade do livro eletrônico
Fonte: Bienvauli (2010)

Em outro estudo, feito por Silva (2011) é apresentada uma tabela com um comparativo entre o preço de venda de cinco livros diferentes, em versão impressa e na versão eletrônica.

Título	Autor	Preço – capa dura	Preço – <i>e-book</i>
The confession: a novel	John Grisham	15,48 dólares	11,99 dólares
The adventure of Sherlock Holmes	Sir Arthur Conan Doyle	9,95 dólares	4,39 dólares
The Matchmakers	Jennifer Colgan	10,20 dólares	2,00 dólares
The girl who kicked the Hornet's nest	Stieg Larsson	18,48 dólares	11,99 dólares
The girl with the dragon tattoo	Stieg Larsson	17,99 dólares	7,20 dólares

Tabela 1: Comparativo de preços entre formatos impressos VS Kindle
Fonte: Silva (2011)

É possível perceber que em todos os casos, a versão eletrônica é mais barata, sendo que o último livro “The girl with the dragon tattoo” apresentou uma diferença superior a dez dólares.

Benhamou e Guillon (2010, p.3) afirmam que em relação ao livro eletrônico, alguns custos de comercialização irão desaparecer:

Contrariamente aos custos fixos de criação [...] (trabalho do autor e custo de edição de um manuscrito) que não variam de acordo com o número de exemplares produzidos, são os custos variáveis de produção e distribuição que podem vir a desaparecer: são os custos de impressão (por volta de 17% do preço de venda), bem como uma parte dos custos de difusão (por volta de 7%) e de distribuição (por volta de 13% do preço de venda do livro) relativos ao transporte físico. Se considerarmos a estocagem, é possível economizar até 50% do valor do produto em papel. (Tradução nossa).

Por outro lado, os mesmos autores acrescentam novos custos de produção, resultantes da digitalização do livro. Estes custos seriam relativos ao preço de digitalização propriamente dito (conversão de formatos, programação informatizada), visto que a introdução destes novos padrões de edição dentro das editoras também implica em grandes investimentos. Além do valor gasto para tentar garantir a proteção de obras digitais sob a lei do direito autoral.

Em outro estudo a respeito do livro eletrônico, Albanel (2010, p. 11) afirma que poderiam ser examinadas regras que fizessem com que os editores disponibilizassem um desconto de 50% entre a mesma obra impressa e a sua versão eletrônica. Esta sugestão é interessante, mas ao mesmo tempo, pouco provável de acontecer: por enquanto, grandes empresas (como a Amazon, a Apple e o Google) adotam as suas próprias regras no que concerne ao valor de cada livro vendido. Além disso, ainda existem questões relativas a economia de cada país a respeito dos impostos que podem variar para cada tipo de suporte do livro.

Mais ainda, os fatores que determinam a economia do livro eletrônico estão sujeitos aos esquemas de funcionamento dos outros setores tradicionais da economia. Um serviço não necessariamente terá um único preço. As preferências do consumidor, as suas práticas, as evoluções tecnológicas, a garantia de acesso: na era da informática, tudo pode ser utilizado para definir o preço de um produto.

Com relação às bibliotecas, Silva (2011) afirma que alguns processos tradicionais como a etiquetagem, a classificação bibliográfica e a organização dos livros nas estantes não são mais necessários para os *e-books*, o que representa uma boa economia de espaço, além de oferecer mais tempo para que os bibliotecários possam se dedicar a outras tarefas, tais como as pesquisas, marketing e desenvolvimento bibliográfico. Por outro lado, é possível que ao se iniciar um serviço que utiliza tecnologias diferenciadas, pode ser necessário gastar tempo para explicar aos usuários como determinadas funções ou aparelhos funcionam. A seguir, um gráfico que mostra a redução de custos que o livro eletrônico pode apresentar em comparação com o livro impresso.

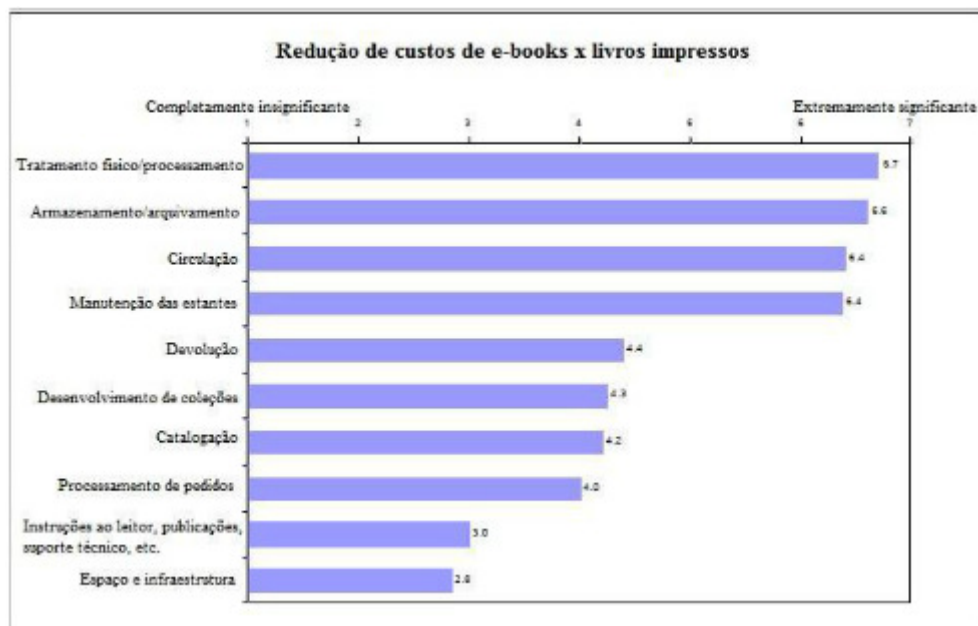


Figura 7: Redução de custos de e-books vs livros impressos
Fonte: Renner (2009)

Para concluir, é interessante notar que a redução dos custos nas atividades executadas pelos bibliotecários interessa principalmente aos gestores das bibliotecas, afinal, ao economizarmos em atividades básicas certamente restará mais tempo e dinheiro para serem investidos na compra de livros. Existe uma série de processos e serviços que são necessários às atividades rotineiras de um bibliotecário, mas que nem todos os países (principalmente aqueles menos desenvolvidos) podem oferecer em suas bibliotecas. Procurar alternativas de redução de custos é fundamental, mesmo que em alguns casos se invista em livros eletrônicos para garantir verbas para a preservação de livros impressos.

3. METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada com a proposta de identificar as principais ações relacionadas às bibliotecas no que diz respeito às tendências futuras para os seus serviços, utilizando como etapa intermediária uma análise relacionada ao livro eletrônico. O estudo foi feito em duas etapas: uma bibliográfica e uma exploratória, sendo que esta última foi dividida em duas sub etapas.

3.1 Etapa bibliográfica

A etapa bibliográfica consistiu em uma revisão de literatura dividida em três partes: um pouco da história do livro e das bibliotecas; a função social do livro eletrônico e por fim, foram apresentados alguns fatores econômicos relacionados aos livros eletrônicos. Revisar a literatura histórica a respeito do assunto estudado é importante para saber como ocorreu o desenvolvimento do tema em questão e a partir daí tirar conclusões sobre como proceder em ações futuras. No que concerne ao livro eletrônico, foi fundamental estudar as suas características para relacioná-las aos questionários aplicados.

Para a realização da revisão de literatura foi feita uma pesquisa em diferentes tipos de fontes de informação, tais como: livros e capítulos de livros nacionais e internacionais; revistas e jornais de circulação em massa nacionais e internacionais; periódicos científicos nacionais e internacionais, bases de dados nacionais e internacionais; além de páginas da internet, vídeos e blogs nacionais e internacionais. Para as pesquisas em meio eletrônico, buscou-se principalmente pelas palavras-chave a seguir: *e-book*, *eletronic book*, *livre numérique*, livro eletrônico, biblioteca – futuro, *future librarians*, *social inclusion – librarianship*, *économie du livre numérique*, economia do livro eletrônico, livro eletrônico nas escolas, *Ipad – schools*. Entre outros.

3.2 Universo da pesquisa e amostra

No que diz respeito às etapas exploratórias, foram formulados dois questionários diferentes, cujo principal objetivo para ambos foi observar a opinião de pessoas ligadas às bibliotecas no que diz respeito ao ser ou não favorável ao livro eletrônico e a imagem que elas possuem para o futuro das bibliotecas.

O primeiro questionário foi apresentado aos profissionais ligados à Biblioteconomia da província de Québec, por meio do envio dos dados via correio eletrônico. Não se sabe o número total de participantes do congresso em que o questionário foi aplicado. Contudo, o universo da pesquisa foi pautado em 120 profissionais da área de Ciência da Informação, entre bibliotecários e estudantes, escolhidos aleatoriamente e que disponibilizaram o *e-mail* durante o acontecimento do *Congrès des milieux documentaires du Québec*, congresso voltado para bibliotecários e arquivistas da província de Québec e que ocorreu em novembro de 2010, na cidade de Montreal, no Canadá. Vale ressaltar que participaram do congresso profissionais atuantes nos diversos tipos de bibliotecas encontradas na região.

Dos 120 questionários enviados, 70 foram recebidos, o que corresponde a 58,33% do total. A amostra real para o primeiro questionário aplicado, portanto, foi de 70 respondentes.

O segundo questionário foi aplicado no Brasil, por meio da utilização da página do XII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, o XII ENANCIB, no Facebook. Vale ressaltar que esta estratégia de pesquisa foi utilizada devido à importante representatividade que este congresso possui junto à comunidade bibliotecária brasileira. Além disso, como as respostas do primeiro questionário foram obtidas durante a realização de um congresso canadense, foi interessante e proporcionou uma melhor análise dos dados obter as respostas do segundo questionário também durante a realização de um congresso aqui no Brasil. Por essa razão, não é possível identificar o tamanho total da amostra, visto que o *link* de acesso ao questionário ficou disponível para qualquer pessoa que acessasse o a página do Congresso na rede social.

Contudo, sabe-se que o número de respondentes foi de 82 pessoas, durante o período de 10 dias em que o questionário ficou disponível para resposta por meio do programa do Google docs. A amostra entre os dois questionários, portanto, é

relativamente semelhante e ambas foram obtidas durante a realização de congressos da área de Ciência da Informação.

Vale ressaltar que, inicialmente, o questionário aplicado no Canadá possuía mais questões do que o aplicado no Brasil para que a autora pudesse ter uma maior noção de quais assuntos relativos ao livro eletrônico seria mais interessante abordar. O primeiro questionário, portanto, serviu de base para a confecção do segundo questionário.

3.3 Instrumento de coleta de dados

A coleta de dados foi realizada com dois questionários, sendo o primeiro composto por 11 questões (10 questões abertas e uma fechada) posteriormente transformado em um novo questionário composto por 4 questões (3 questões fechadas e uma aberta) e o segundo composto por cinco questões (sendo quatro questões fechadas e uma aberta).

4. ANÁLISE DE DADOS

Após o recebimento das respostas, observou-se que para o primeiro questionário, obtivemos um índice de 58,33% de respostas, ou 70 questionários respondidos dos 120 enviados aos diversos funcionários de bibliotecas da província de Quebec. Para o segundo questionário, que foi enviado às pessoas que possuem alguma relação com bibliotecas brasileiras, não foi possível determinar o tamanho da amostra, visto que a divulgação do questionário ocorreu por meio de rede social, como foi explicado na metodologia. No entanto, obtivemos 82 questionários respondidos para esta segunda etapa da pesquisa.

A análise foi dividida em três blocos: no primeiro apresentamos as respostas obtidas com a aplicação do questionário número 1 (modificado). No segundo, apresentamos as respostas obtidas com a aplicação do questionário número 2. Por fim, apresentamos uma análise comparativa entre as respostas obtidas nos dois questionários.

Ressaltamos também que para facilitar a análise do questionário 2, foi feita uma pequena inversão na ordem das perguntas. Por isso, analisaremos primeiramente a questão de número cinco, que é fechada, para posteriormente analisarmos a questão de número quatro, que é aberta.

4.1 Questionário aplicado na província de Québec, por ocasião do Congrès de Milieux Documentaires

Para a aplicação deste primeiro questionário foram feitas 11 perguntas, sendo uma fechada e as outras 10 abertas. Contudo, posteriormente o questionário sofreu modificações (sem que isso causasse alguma alteração nas respostas ou na computação dos dados) para facilitar o exame dos dados e a comparação das respostas obtidas aqui e no questionário número 2.

Primeiramente, o questionário era composto pelas seguintes questões (que foram formuladas inicialmente em francês):

1. Qual a sua área de atuação?
2. O que você entende por livro eletrônico?
3. Você utiliza o livro eletrônico? Se sim, por quais meios?
4. Você sabia que já existem bibliotecas que fazem empréstimo de livros eletrônicos? O que você pensa desta prática?
5. A biblioteca em que você trabalha faz empréstimos de livros eletrônicos?
6. Se você respondeu não à questão anterior, gostaria que a biblioteca em que você trabalha passasse a fazer empréstimos de livros eletrônicos? Por quê?
7. Se você respondeu sim à questão 5, você é favorável a esta prática? Por quê?
8. Em sua opinião, o fim dos livros impressos equivaleria ao fim das bibliotecas? Por quê?
9. Você tem medo do desaparecimento do livro impresso? Se sim, por quê? Se não, por quê?
10. Como você acredita que serão as bibliotecas no futuro?
11. Em qual tipo de biblioteca você trabalha?
 - a) Biblioteca universitária
 - b) Biblioteca nacional
 - c) Biblioteca especializada
 - d) Biblioteca escolar
 - e) Biblioteca pública
 - f) Outra (Identifique)

Posteriormente, os dados obtidos com as respostas foram transcritos para o programa Google Docs sob a forma do seguinte questionário:

1. Em qual tipo de biblioteca você trabalha
 - a) Biblioteca universitária
 - b) Biblioteca nacional
 - c) Biblioteca especializada
 - d) Biblioteca escolar
 - e) Biblioteca pública
 - f) Outra (Identifique)

Desse modo, foi possível observar que mantivemos a questão 11, mas para facilitar a análise a colocamos como questão número 1.

2. Você utiliza o livro eletrônico?

Sim

Não

Desse modo, a questão número 3 passou a ser a questão número 2 e foi transformada em uma pergunta fechada. Isso foi possível porque as respostas inicialmente recebidas eram formadas por sim ou não e uma explicação. Mantivemos o sim ou não, mas excluímos a parte aberta da pergunta (o por quê).

3. Você é favorável à prática de empréstimo de livro eletrônico na biblioteca em que você trabalha?

Sim

Não

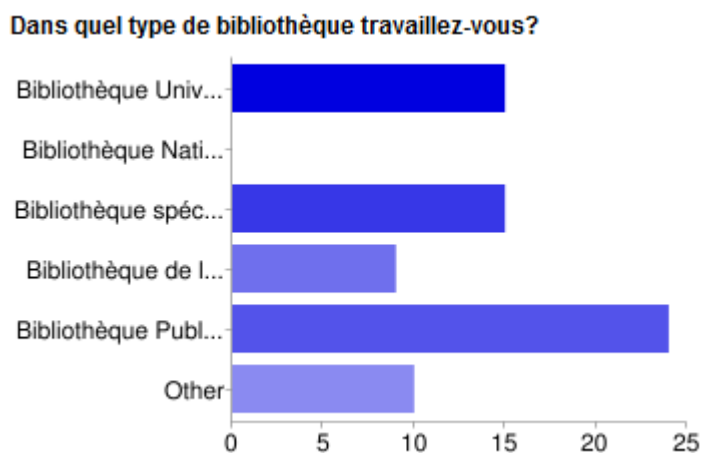
Desse modo, foi feita uma adaptação para as questões 5, 6 e 7, sendo excluída a parte explicativa das questões.

4. Como você acredita que serão as bibliotecas do futuro?

Percebemos aqui que a questão de número 10 foi mantida, sendo apenas transformada em questão número 4.

Para a primeira questão do novo formato de questionário, obtivemos que a maior parte dos respondentes trabalha em bibliotecas públicas, 34% (24) do total de respondentes (70), seguidos por funcionários de bibliotecas especializadas e universitárias, com 21% dos respondentes cada. Nenhum participante trabalhava em biblioteca nacional. Para as pessoas que responderam “outro”, obtivemos como respostas empresas que prestam consultoria ou serviços para bibliotecários, empresas

privadas, pessoas que trabalham em centros de bibliotecários ou comissões de bibliotecas escolares.



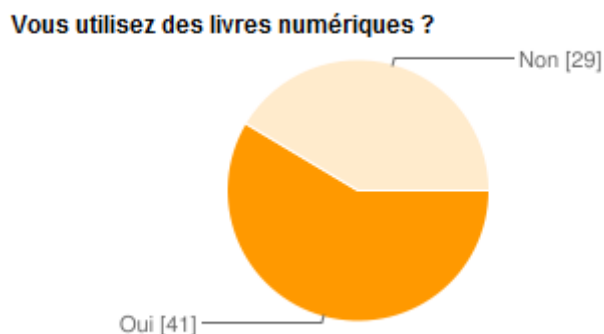
Dans quel type de bibliothèque travaillez-vous ?

Bibliothèque Universitaire	15	21%
Bibliothèque Nationale	0	0%
Bibliothèque spécialisée	15	21%
Bibliothèque de l'école	9	13%
Bibliothèque Publique	24	34%
Other	10	14%

As pessoas podem marcar mais de uma caixa de seleção, então a soma das percentagens pode ultrapassar 100%.

Figura 8: Em qual tipo de biblioteca você trabalha?

Para a segunda pergunta, a respeito da utilização direta do livro eletrônico obtivemos que a maior parte 59% (41) dos respondentes já faz uso desta tecnologia enquanto que 41% (29) ainda preferem o uso exclusivo do livro em sua versão tradicional.



Sim: 41 (59%) Não: 29 (41%)

Figura 9: Você faz uso do livro eletrônico?

No que diz respeito à questão de número 3, que perguntava se o respondente era a favor da prática de se emprestar livros eletrônicos em bibliotecas, pudemos perceber que a maior parte, no caso 77% (54 pessoas) das respostas foi favorável à esta prática. Analisando os dados da pergunta anterior, foi possível perceber que todos os respondentes que já faziam algum uso do livro eletrônico, (os 59% da questão de número 2) foram a favor da prática de empréstimo de *e-books* pelas bibliotecas.

Como inicialmente esta questão era aberta, obtivemos que as razões pelas quais os 23% (16 pessoas) dos respondentes restantes afirmaram serem contra o empréstimo foram: devido às rápidas mudanças tecnológicas (com 5 respondentes); pela pouca demanda de usuários a este serviço (com 4 respondentes); devido ao preço elevado dos aparelhos de leitura de livros eletrônicos (com 3 respondentes) – percebemos ao longo do trabalho que esta justificativa será cada vez menos utilizada pelos bibliotecários, visto que a atual tendência é a extrema redução nos preços dos *tablets* e *e-readers*; outra razão apontada pelos respondentes para serem contra o serviço de empréstimo de *e-books* pelas bibliotecas foi a falta de títulos em francês (com 3 respondentes) e por fim, um respondente afirmou que o serviço de empréstimo é uma característica que deve ser voltada apenas para o acervo físico de uma biblioteca.

Vous êtes favorable à la pratique de prêt des livres numériques dans le bibliothèque où vous travaillez?

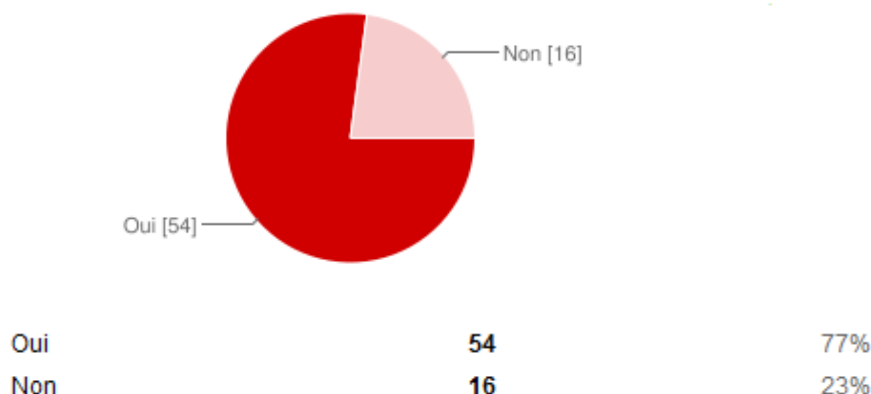


Figura 10: Você é favorável a prática de empréstimo de livros eletrônicos na biblioteca em que você trabalha?

Finalmente, para a última questão, (Como você acredita que serão as bibliotecas do futuro?) que era uma pergunta aberta, obtivemos várias respostas diferentes, mas foi possível concluir que todos os respondentes, assim como a autora desta pesquisa, acreditam que ainda existirão bibliotecas no futuro: apesar das várias transformações que elas irão sofrer, isso provavelmente não culminará com o seu fim. Creio ser interessante poder contar com um local em que é possível compartilhar conhecimentos e buscar informações que não são possíveis de serem acessadas em qualquer lugar, como fontes de informações pagas (bases de dados especializadas, por exemplo) pouco importa em qual suporte estas informações estarão armazenadas, tanto agora quanto no futuro.

Observou-se que muitas respostas concordaram com o fato de que, no futuro, provavelmente o número de livros eletrônicos e acervos digitais será muito maior do que o acervo eletrônico que temos hoje. Com relação a isso, alguns respondentes afirmaram que a biblioteca do futuro será um ambiente híbrido, contendo vários tipos de suportes diferentes e uma quantidade semelhante de materiais impressos e eletrônicos. Outros, no entanto, acreditam que o número de materiais eletrônicos será muito superior ao de materiais impressos. Em comum, esses respondentes acreditam que o espaço utilizado para a armazenagem de suportes físicos irá diminuir. Há também quem acredite que muito dos livros impressos atuais serão conservados por questões históricas, como patrimônio cultural de uma época ou como uma obra rara.

No que se refere ao espaço, a maior parte das respostas obtidas faz algum tipo de alusão a ele, deixando claro a importância que os espaços físicos passarão a ter para as bibliotecas do futuro. Com relação a isso, cerca de 50% do total de respondentes (além da própria autora deste estudo) acredita que a biblioteca irá se transformar em um local extremamente propício para as trocas de ideias, de inovações e de estudos em grupo, além da possibilidade de se tornar um local de encontros e de sociabilidade.

Além disso, a probabilidade de que elas confluam para grandes centros culturais comunitários não pode ser descartada. Os empréstimos de materiais continuarão a existir, mas serão feitos por meio de terminais de auto-atendimento. O profissional bibliotecário continuará lá para atender e auxiliar a todos os usuários, mas lhe sobrá mais tempo para se dedicar a tarefas de pesquisa e de desenvolvimento social. A biblioteca terá uma função social ainda maior no futuro.

Se corretamente planejada e investidas as tecnologias adequadas a cada época, a biblioteca do futuro possivelmente será aquilo proposto por Ray Oldenburg, na década de 1980: um espaço conhecido como o terceiro lugar, ou seja, um espaço diferente do primeiro lugar, referente ao lar, ao domicílio e também diferente do segundo lugar, espaço destinado ao trabalho e às profissões. O terceiro lugar pode ser entendido como um espaço complementar, dedicado à vida social da comunidade e se referem a um ambiente em que os indivíduos podem se reunir, se encontrar, e fazer trocas de maneira informal. (SERVET, 2010).

Para alguns respondentes, existirá também a opção de grandes bibliotecas digitais, muito maiores das que as existentes hoje. O bibliotecário irá manter um contato distante fisicamente com o seu usuário, mas ainda estará lá para auxiliar nas diversas pesquisas em andamento, bem como para tirar dúvidas, semelhante aos serviços de pergunte a um bibliotecário, já existentes atualmente.

A seguir, apresentamos a transcrição das respostas mais significativas, com tradução nossa.

- ❖ As bibliotecas do futuro serão híbridas: inúmeros suportes estarão presentes e materiais em formato eletrônico, digital e impresso irão coexistir.
- ❖ Mais do que um objetivo cultural, as bibliotecas terão um mote social (terceiro lugar). Os empréstimos e as devoluções de materiais físicos serão

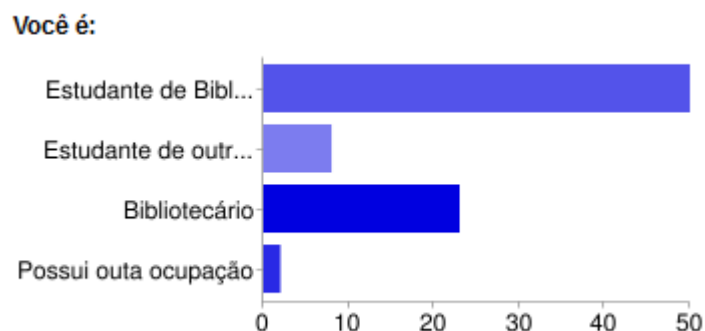
feitos por auto-atendimento e a maioria dos empréstimos será de livros eletrônicos.

- ❖ Serão imensas salas em que se realizarão atividades multimídias.
- ❖ Serão ambientes que irão contar com pessoas qualificadas, que serão capazes de encontrar, informar, formar e comunicar...
- ❖ Mais computadores, mais serviços eletrônicos e automatizados.
- ❖ Um lugar em que tudo pulsa! Aliás, eu adoraria ver as crianças reunidas para a hora do conto feita ao redor de uma tableta de leitura digital...

4.2 Questionário aplicado no Distrito Federal, por ocasião do XII ENANCIB

Para a aplicação deste segundo questionário, foram propostas cinco perguntas, sendo quatro fechadas e uma aberta.

Para a primeira questão, foi apresentada uma pequena caracterização dos respondentes, a partir da ocupação de cada um, sendo escolhida dentro de uma lista de quatro opções: estudante de biblioteconomia, bibliotecário, estudante de outro curso e possui outra ocupação. Foi possível observar que a maior parte dos respondentes foi composta por estudantes de biblioteconomia, com 61% das respostas, ou 50 pessoas, seguido pelos bibliotecários, com 28% das respostas, ou 23 pessoas.



Caracterização do Respondente

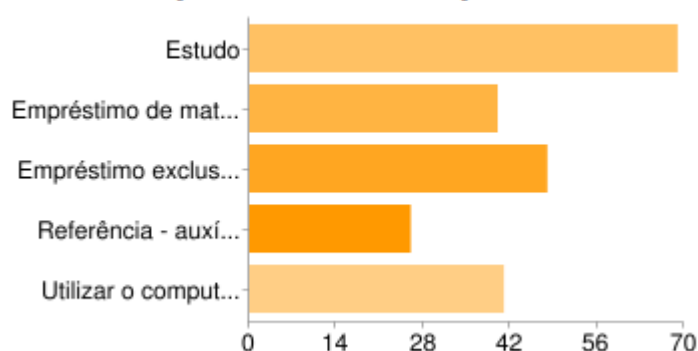
Estudante de Biblioteconomia	50	61%
Estudante de outro curso	8	10%
Bibliotecário	23	28%
Possui outra ocupação	2	2%

As pessoas podem marcar mais de uma caixa de seleção, então a soma das percentagens pode ultrapassar 100%.

Figura 11: caracterização dos respondentes

Para a segunda questão, perguntou-se quais os usos que os respondentes fazem da biblioteca. Para isso, os respondentes puderam escolher várias opções dentre as seguintes: estudo; empréstimo de materiais diversos; empréstimo exclusivo de livros; referência – auxílio em pesquisas; utilizar o computador ou a internet. Foi possível perceber que a maior parte dos respondentes (84% ou 69 pessoas) utiliza a biblioteca para estudar, sendo que apenas 6 pessoas ou 7,3% dos respondentes utilizam a biblioteca exclusivamente para o estudo. Além disso, 4,1% do total, ou 5 pessoas, todos bibliotecários, responderam que utilizavam os serviços da biblioteca para empréstimo exclusivo de livros. Todos os 71 respondentes restantes utilizavam mais de um serviço da biblioteca.

Em quais situações você utiliza os serviços da biblioteca?



Em quais situações você utiliza os serviços da biblioteca?

Estudo	69	84%
Empréstimo de materiais diversos (periódicos, CDs, DVDs, etc.)	40	49%
Empréstimo exclusivo de livros	48	59%
Referência - auxílio em pesquisas	26	32%
Utilizar o computador ou a Internet	41	50%

As pessoas podem marcar mais de uma caixa de seleção, então a soma das percentagens pode ultrapassar 100%.

Figura 12: Em quais situações você utiliza os serviços da biblioteca?

Para a questão de número 3, foi perguntado se o respondente passaria a ler mais ou a fazer empréstimos de livros caso a biblioteca passasse a disponibilizar livros eletrônicos para este fim. Foi possível observar que mais de 60% das respostas foram positivas, o que pode indicar o início de uma possível demanda de usuários para as bibliotecas, caso elas passassem a disponibilizar este novo serviço. É claro que a amostra desta pesquisa não é específica para uma biblioteca e, portanto, seria necessário a cada biblioteca realizar as suas pesquisas de usuários, mas os dados apresentados aqui não deixam de ser importantes para retratar uma certa característica de usuário atual.

**Se a biblioteca passasse a fazer o empréstimo de tablets e/ou e-readers
Ou disponibilizar o download temporário de livros eletrônicos,
Você leria mais livros ou passaria a pegar livros emprestados?**

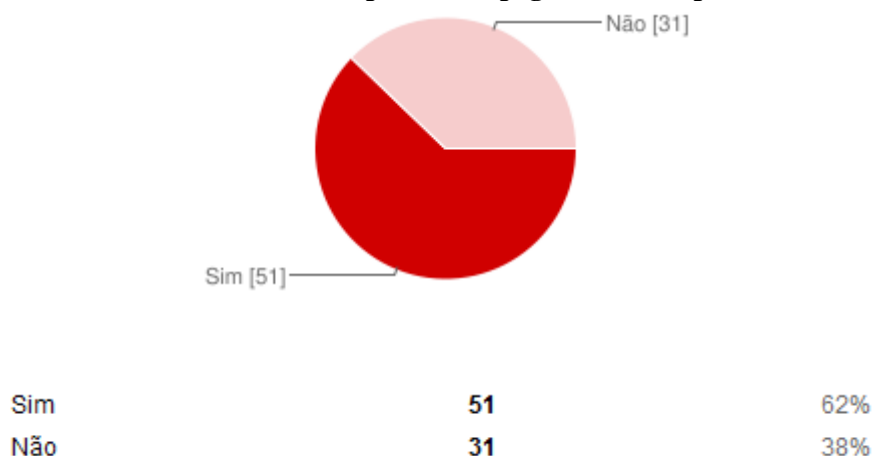


Figura 13: aumentariam os empréstimos

Para essa questão, foi interessante fazer um comparativo entre ela e a pergunta anterior, para sabermos, dentre os entrevistados, quais que não faziam empréstimo de livros que passariam a utilizar este serviço caso ele fosse disponibilizado com livros eletrônicos. Foi possível perceber que 18 pessoas, ou 22% dos entrevistados passaria a fazer empréstimo de livros caso eles estivessem em formato eletrônico. Dado o tamanho da amostra, podemos considerar uma parcela significativa de respostas positivas.

Dentre as pessoas que já faziam empréstimos de livros, 33 ou 40% dos respondentes afirmaram que passariam a ler mais caso a biblioteca que eles frequentam passasse a disponibilizar livros em formato eletrônico.

Aqui vale uma observação de um assunto já tratado na revisão de literatura: o trabalho que um bibliotecário teria para organizar (classificar, catalogar, indexar, etiquetar, colocar na estante) um livro eletrônico no acervo seria menor do que para fazer o mesmo com um livro impresso, visto que alguns dos processos como etiquetar e arrumar o livro na estante não são necessários para o *e-book*. Isso permitiria ao bibliotecário disponibilizar mais tempo para a realização de outras tarefas, como o marketing de serviços ou o processo de referência, pesquisa e auxílio aos usuários.

Para a questão de número 5, foi pedido para que apenas as pessoas que já haviam trabalhado ou que ainda trabalham em uma biblioteca respondessem se eram contra ou a favor do empréstimo de livros eletrônicos no seu local (ou ex-local) de

trabalho. Obtivemos que a maioria dos respondentes era favorável a esta prática. Como a pergunta foi fechada, não foi possível descobrir as razões pelas quais 13 pessoas, ou 18,8% dos que responderam a esta pergunta eram contra este serviço, mas a autora acredita que, possivelmente, os motivos estejam relacionados com aqueles dos respondentes do questionário realizado em Montreal, ou seja: devido às rápidas mudanças tecnológicas; pela pouca demanda de usuários a este serviço (apesar de que aqui vale uma análise mais detalhada com os usuários de cada biblioteca); devido ao preço elevado dos aparelhos de leitura de livros eletrônicos (aqui no Brasil essa justificativa ainda é válida, mas em países da América do Norte, Europa Ocidental e alguns países da Ásia não podemos mais afirmar que os *tablets* ou os *e-book readers* possuem um preço elevado); pela falta de títulos em francês, (apesar da existência de milhões de livros digitalizados pela Biblioteca Nacional da França, pelo projeto Gallica, alguns respondentes afirmaram que comparativamente com a língua inglesa, ainda existem poucos títulos em francês ou disponibilizados pelas bibliotecas canadenses, ou ainda, faltam livros infantis e de determinados assuntos). Aqui no Brasil valeria a mesma justificativa, já que a maior parte do acervo de livros disponíveis em formato eletrônico encontra-se em inglês. Entretanto, aqui seria pela falta de títulos em português. Por fim, pelo fato de que o serviço de empréstimo é uma característica que deve ser voltada apenas para o acervo físico de uma biblioteca.

Você gostaria que a biblioteca em que você trabalha ou já trabalhou passasse a fazer o empréstimo de livros eletrônicos?

Responda apenas se você trabalha ou já trabalhou em alguma biblioteca

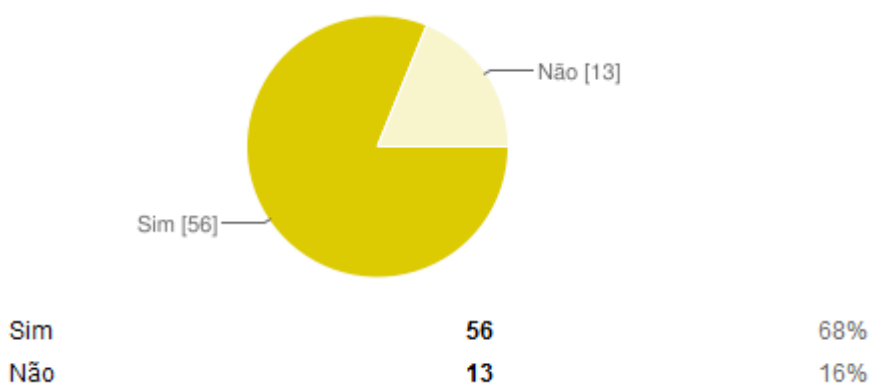


Figura 14: Você gostaria que a biblioteca em que você trabalha ou já trabalhou passasse a fazer empréstimo de livros eletrônicos?

Com relação a figura 14, é possível perceber que os dados foram computados em torno do número total de respondentes. Como esta pergunta não era obrigatória e dependia do fato do respondente já ter trabalhado ou estar trabalhando em uma biblioteca, entendemos que, dentre as pessoas que responderam a esta questão, 81,2% (ou 56 pessoas) eram favoráveis a esta prática e 18,8% eram contrárias.

Ainda sobre esta questão, podemos observar que das 13 pessoas que responderam ser contra à implementação deste serviço em suas bibliotecas, uma era formada em biblioteconomia, outra era aluna de outro curso, outra possuía outra ocupação e as 10 pessoas restantes eram estudantes de biblioteconomia.

Finalmente, a última pergunta analisada será a de número 4 do questionário, que, assim como a pergunta de número 5, é comum ao questionário aplicado em Montreal. Para esta última questão, foi perguntado como os respondentes acreditam que será a biblioteca do futuro. Para esta questão, obtivemos várias respostas diferentes, mas as principais conclusões que tiramos estão apresentadas abaixo.

Assim como os respondentes do questionário número um, os respondentes deste segundo questionário não acreditam no fim da biblioteca, pelo contrário: muitos afirmam que ela provavelmente sofrerá mudanças, mas será completamente capaz de se adaptar aos novos modelos de vida da sociedade. Apenas um respondente afirmou que a biblioteca do futuro será um lugar “tosco e sem utilidade”, do que discordamos completamente.

Mais da metade (60%) dos respondentes afirmou que a biblioteca será um local híbrido, em que materiais impressos e mídias eletrônicas coexistirão. Muitos também afirmaram que o espaço dedicado à tecnologia será cada vez maior, tanto para a segurança do acervo, quanto para melhor atender ao usuário, com a utilização de computadores, *tablets*, *e-books*, ampliação dos serviços disponíveis em bases de dados, bibliotecas digitais, acesso à internet e grande interatividade.

Alguns respondentes (8,5% ou 7 pessoas) acreditam que a biblioteca como espaço para material impresso não irá mais existir, prevalecendo os serviços completamente digitais ou as bibliotecas à distância (biblioteca digital). Particularmente, acredito que estas possibilidades tenham menor probabilidade de ocorrer: prefiro crer na biblioteca do futuro como um lugar com muita tecnologia e que faça parte do terceiro lugar, conceito já explicado neste trabalho.

A biblioteca atual já desempenha um papel social fundamental, mas aqui no Brasil nem sempre esta questão é considerada. Algumas vezes ela é vista apenas como um depósito de livros, espaços sem leitores outras vezes é supervisionada por profissionais que não possuem os conhecimentos adequados para trabalhar nela e outras vezes falta uma maior interação entre usuário e bibliotecário (PIMENTEL, BERNARDES, SANTANA, 2007). Com relação a isso, alguns respondentes (aproximadamente 16% ou 13 pessoas) acreditam que finalmente a biblioteca terá o seu real valor reconhecido, além de agregar características cada vez mais sociais a estes espaços. Outros respondentes acreditam ainda em uma melhora significativa no atendimento aos usuários, utilizando tecnologias diversas e ampliando o serviço de referência, existindo maior interação entre as bibliotecas e o bibliotecário atuando com grande capacidade para filtrar informações desejadas em meio a tanto lixo informacional disponível na internet hoje em dia e futuramente também. O acesso às informações será amplamente facilitado.

Por fim, dois respondentes afirmaram que ainda não conseguiram pensar em como poderá ser a biblioteca no futuro e outro afirmou que não consegue imaginar uma biblioteca futurística no Brasil com o nível de educação presente no país.

A seguir, apresentamos a transcrição das respostas mais significativas:

- ❖ Com cada vez mais tecnologia para satisfazer o usuário.
- ❖ Serão Bibliotecas híbridas, contendo os suportes tradicionais e os novos formatos digitais.
- ❖ Não acredito que os livros deixarão de existir, ainda tenho uma visão conservadora a esse respeito. As bibliotecas têm outros serviços, o ambiente de estudo, as consultas rápidas e informais, etc. Sem contar na sua grande função social.
- ❖ Confesso que ainda não consigo imaginar uma biblioteca futurística com o nível de educação que temos hoje. Pra mim, pode ter todas as tecnologias, mas ela vai continuar sendo subutilizada.
- ❖ Biblioteca promotora da interatividade das pessoas (presencial e virtual) a partir da oferta personalizada de informações (em todos os meios e suportes) aos grupos de interesses conforme sejam reconhecidos e estimulados – especialmente, uma biblioteca promotora de encontros entre as pessoas ao

redor dos temas que as mobilizam, realizando debates que contemplem espaço às múltiplas visões e diferentes facetas que referencial à temática.

- ❖ Conceitualmente já seria paradoxal uma biblioteca que não possui espaço físico nem acervo bibliográfico, mas elas existem, as tais “bibliotecas digitais”, uma anomalia semântica dos tempos. De qualquer forma, por mais Huxleyano¹ que possa ser o futuro o LIVRO [grifo do respondente] será eterno, sobreviverá a qualquer mudança de tecnologia e linguagem e continuará a ser a melhor forma de assimilação de conhecimento. Acredito que a biblioteca sofrerá mudanças portanto, mas que sua tradição será mantida.
- ❖ A biblioteca terá a mesma essência que a biblioteca atual e o bibliotecário continuará tendo a sua função e a sua importância. Suportes eletrônicos são acessórios.

4.3 Análise comparativa entre os dois questionários

Ambos os questionários foram respondidos por pessoas que possuíam alguma forma de relação com a instituição biblioteca, seja como forma de trabalho (bibliotecários, técnicos de bibliotecas, consultores para a gestão de bibliotecas, prestadores de serviços bibliotecários), como forma de estudo (pesquisadores da área de ciência da informação, professores dessa mesma área) ou como frequentadores (usuários, estudantes e pesquisadores).

Com relação à segunda comparação, que foi feita entre a pergunta de número 2 do primeiro questionário e a pergunta de número 3 do segundo questionário, propomos perguntas diferentes para cada tipo de estudo. Para o que foi aplicado no Canadá, perguntamos se os entrevistados já faziam o uso ou não dos *e-books* e para os brasileiros, foi perguntado se eles passariam a ler mais ou a fazer o empréstimo de livros nas bibliotecas caso eles estivessem em formato digital. Essa diferenciação nas perguntas foi necessária pelo fato de que no Brasil, o mercado de livros eletrônicos

¹ Huxley, autor do livro Admirável mundo novo, que apresenta uma ideia de extrema mecanização dos processos humanos.

ainda não se desenvolveu o suficiente para que um número realmente significativo de pessoas pudesse ter acesso a esta nova forma de leitura. No Canadá, a facilidade para se comprar e utilizar tanto os *e-readers*, os *tablets* e o conteúdo do livro em formato eletrônico é muito maior.

Como resultado dos questionamentos, foi possível perceber que quase 60% (59%) dos respondentes do primeiro questionário já faziam uso do livro eletrônico e pouco mais de 60% (62%) dos respondentes do segundo questionário fariam uso do serviço de empréstimo de livro eletrônico caso este serviço fosse implementado na biblioteca em que ele frequenta. O que percebemos aqui é que, apesar da distância e do diferente nível social entre o Canadá e o Brasil, as respostas obtidas são bem próximas. O grande diferencial na verdade está no fato de que a população no Canadá possui uma maior facilidade para encontrar, utilizar e comprar tanto os *e-books* quanto os aparelhos eletrônicos a eles relacionados.

Para a terceira comparação buscamos uma análise entre a terceira questão do primeiro questionário e a quinta questão do segundo, para saber se os respondentes eram a favor ou contra a adoção do serviço de empréstimos de livros eletrônicos nas bibliotecas em que eles trabalhavam (aqui foram excluídos os respondentes que não trabalhavam na área da biblioteconomia. Os profissionais que não eram bibliotecários mas que trabalhavam em uma biblioteca entraram para esta estatística. Da mesma forma, os bibliotecários que não trabalhavam em bibliotecas mas que prestavam algum tipo de serviço a bibliotecas também entraram para esta estatística, bem como as pessoas que, no passado, já haviam trabalhado em uma biblioteca).

Como conclusão na análise desta terceira comparação, foi possível perceber que para os respondentes do primeiro questionário, 77% eram a favor da adoção deste novo serviço pelas bibliotecas e 23% era contra. Da mesma forma, entre os respondentes do segundo questionário o número de pessoas favoráveis a esta prática é bem maior do que o número de respondentes contrários a ela, sendo 81,2% a favor e 18,8% contra.

Mais uma vez, os resultados obtidos foram bem próximos e foi possível perceber que muitos profissionais estão dispostos a implementar cada vez mais serviços tecnológicos dentro do seu ambiente de trabalho. Longe de ser uma característica negativa, a disposição à adaptação é sempre bem vinda, mas precisamos tomar as devidas precauções para que as tecnologias não acabem atrapalhando mais do que

ajudando. Como foi visto na revisão de literatura, questões relacionadas ao gerenciamento e ao armazenamento de informações eletrônicas devem ser abordadas com bastante cuidado dentro das instituições.

4.3.1 Análise comparativa entre as questões abertas

Com a questão número 4 dos dois questionários, perguntamos como os respondentes acreditavam que seria a biblioteca do futuro.

A grande diferença observada entre os respondentes dos dois questionários está relacionada à biblioteca híbrida e às questões sociais. É verdade que existiram respostas desses motes nos dois tipos de questionários, mas o número de pessoas que afirmaram que no futuro as bibliotecas serão grandes espaços sociais no Canadá do que o número de pessoas que levantou as mesmas afirmativas no Brasil. Já no que diz respeito à existência de bibliotecas híbridas, 60% dos brasileiros responderam algo relacionado a este tema quando o assunto era as tendências para o futuro da biblioteca.

Também observamos que em ambas as análises existe uma boa parcela de respondentes que aposta no grande aumento de produtos eletrônicos oferecidos pelas bibliotecas.

Nas respostas dos dois questionários também foi possível observar que alguns respondentes acreditam que, no futuro, a biblioteca será apenas um ambiente digital, como as bibliotecas digitais atuais, porém mais amplas e com mais funções. Hoje em dia a biblioteca digital funciona muito mais como um complemento à biblioteca física, pelo menos aqui no Brasil, a maior parte das bibliotecas digitais existente está ligadas a um ambiente concreto, geralmente como páginas da internet. Como exemplo, citamos as páginas das bibliotecas do Senado Federal e da Universidade de Brasília, que possuem arquivos em linha, mas estão conectados aos ambientes físicos. Contudo, de acordo com alguns dos nossos respondentes, esses valores irão se inverter, ou seja, com a crescente ampliação do uso de documentos digitais, é possível (não podemos prever o futuro) que a maior parte dos serviços hoje oferecidos pelas bibliotecas físicas passe a integrar as bibliotecas eletrônicas e o foco passe do ambiente concreto para o digital.

Finalmente, não creio que uma instituição que sobrevive há milênios (mesmo que de forma diferente) irá se extinguir. Creio muito mais na adaptação as novas realidades da sociedade. Se na Idade Média as bibliotecas eram ambientes exclusivos às pessoas ligadas à Igreja Católica, não foi o fim das regalias prestadas ao clero com o final desse período histórico que acabou com as bibliotecas: elas se modificaram e se adaptaram, como a maior parte das instituições ao longo dos anos. A televisão não matou o rádio e até agora a Internet não matou o livro.

Obviamente que mudanças ocorrerão e isso é natural, mas prefiro crer que, no futuro, a biblioteca será um ambiente de trocas informacionais, culturais e sociais. Haverá espaços para atividades diversas, que irão desde fazer o lanche da tarde até a apreciar uma boa leitura em um bom livro, esteja ele impresso ou não! Mais ainda, o bibliotecário terá um espaço garantido para auxiliar os seus usuários a fazerem as melhores escolhas dentre aquelas disponíveis no grande mar de informações eletrônicas que estará presente.

A seguir, apresentamos uma tabela contendo as palavras-chave obtidas com as respostas da questão 4, de cada questionário.

	Palavras - chave
Questionário – Canadá	Menos livros impressos; Terceiro lugar; Maioria eletrônica; Lugar de trocas; Ambiente híbrido; Acesso; Bibliotecários; Tecnologias; Função social; Lugares interativos; Lugares multifuncionais; Lugares dinâmicos; Lugares virtuais; Espaços comunitários; Novos serviços; Incentivo à leitura; Mais computadores.
Questionário – Brasil	Mais tecnologia; Mais interativa; Ambiente híbrido; Tosca; Digitalizada; Voltada às necessidades dos usuários; Mais computadores; Mais livros eletrônicos; Espaço cultural; Adaptação às novas tecnologias; Ambiente pró-debate; Menos arquivos impressos; Mais dependente da informática; Organização da informação; Empréstimo de materiais eletrônicos; Local de troca de ideias.

Tabela 1: Palavras-chave para a questão aberta

5. CONCLUSÃO

A presente pesquisa buscou como objetivo geral fazer uma análise entre a opinião de profissionais da área de Ciência da Informação da província de Québec, no Canadá e profissionais brasileiros da mesma área no que se referia a questões relativas às utilizações do *e-book*, bem como dos aparelhos eletrônicos relacionados a eles, além de ter uma visão a respeito das opiniões para o futuro da biblioteca.

Quando aplicamos o questionário, foi possível perceber que, apesar das grandes diferenças sociais apresentadas entre o Canadá e o Brasil, as ideias não apresentaram diferenças extremas. Contudo, observamos que o ideal de ambiente multifuncional para a biblioteca, com espaço amplo para debates e compartilhamento de ideias foi muito mais difundido pelos profissionais canadenses. Esta foi a principal diferença apresentada entre os dois questionários, além é claro, das adaptações que precisaram ser feitas devido ao contexto do mercado de livros eletrônicos não estruturado no Brasil.

Percebemos também que a maioria dos respondentes é favorável à adoção do livro eletrônico nas bibliotecas e que a ideia de adaptação às novas tecnologias é sempre bem-vinda, a não ser que queiramos cair no esquecimento ou nos fadar ao abandono dos usuários.

Com relação ao paradigma que rondam as questões relativas às diferenças de suporte entre o livro impresso e o livro eletrônico, pudemos perceber que apesar da grande facilidade que temos em separar o conteúdo do livro impresso de seu suporte (sabemos claramente o que é o conteúdo e que o papel é o suporte) e de não termos tanta facilidade assim para executar o mesmo processo com o *e-book* (afinal, qual seria o suporte do livro eletrônico?) observamos que sem a tinta utilizada para compor o conteúdo do livro no papel não podemos ter acesso ao mesmo, percebemos que sem um aparelho de leitura de textos eletrônicos (uma tela de computador, um *tablet*, um *e-reader*) também não podemos ter acesso ao conteúdo de um *e-book*. Neste caso, observamos a semelhança das funções exercidas pelo papel e pela tela do computador, bem como da tinta e dos *bits* utilizados para compor um livro eletrônico. Aqui cabe a questão: com relação aos processos de formação, o livro eletrônico é tão diferente assim do livro impresso?

No que diz respeito aos objetivos específicos, foram apresentados quatro, sendo os dois últimos relacionados à análise dos questionários de forma separada e os dois primeiros faziam alusão à análise da literatura referente à função social do livro eletrônico e a alguns fatores econômicos que pudessem estar ligados aos *e-books*. Como já foi dito, a análise de cada um dos questionários permitiu observar que muitos profissionais da biblioteconomia estão inclinados a aceitar a implementação desta nova tecnologia em seu ambiente de trabalho. Também pudemos observar que grande parte dos respondentes permanece incrédula ao fim do papel.

A desigualdade social no mundo ainda é muito grande para permitir que todos tenham acesso a ferramentas eletrônicas de leitura, pesquisa e comunicação. Apesar disso, acreditamos que, futuramente, o acervo de documentos digitais ou eletrônicos pode ultrapassar a quantidade de documentos em suporte impresso dentro dos centros informacionais. Essa transição de suporte provavelmente será lenta e não acontecerá com a mesma velocidade em todas as cidades muito menos em todos os países, mas possivelmente acontecerá um dia. Além disso, pelo menos para as pessoas nascidas até a primeira década do século XXI, dificilmente uma tableta eletrônica irá substituir o prazer de se ler um bom livro em papel. Entretanto, o que não se pode perder de vista é que se esta tecnologia conseguir despertar cada vez mais o interesse pela leitura, já teremos alcançado um grande objetivo.

Ainda sobre a discussão relativa ao fim do papel, foi possível observar, ao longo da revisão de literatura, que a questão da preservação dos documentos eletrônicos deve ser feita com extremo cuidado. Não podemos simplesmente substituir um documento em papel para o formato eletrônico, sem que antes tenhamos garantias de preservação e de que a fidedignidade e a confiabilidade do documento sejam mantidas.

Continuando com os objetivos específicos do estudo, observamos que os temas tratados na revisão de literatura se tornam fundamentais para que possamos questionar: se os respondentes são favoráveis aos *e-books*, como fazer para que a implementação desta tecnologia não gere uma inestimável perda de informações devido a falta de políticas de preservação de conteúdo digital? Mais ainda, como garantir que empresas gigantescas como a Google não adquiram o monopólio da distribuição de livros em formato digital? E se o controle das informações ficarem disponíveis a um grupo restrito de pessoas, como garantir que não haja censura?

Ainda existem mais questões do que respostas e, assim como alguns dos respondentes dos questionários, creio ser muito cedo para afirmar que os *e-books* e os *tablets* farão parte do futuro das bibliotecas. No entanto, acredito que pensar em possibilidades de uso para o que se produz no presente pode causar mudanças para os tempos posteriores. A utilização de leitores de livros eletrônicos e dos próprios arquivos digitais para uma função mais social pode ajudar a manter um ensino de qualidade a um número maior de pessoas do que o número atual, o que já seria uma vantagem gigantesca, além de diminuir o consumo mundial de papel. Por outro lado, como mensurar a quantidade de lixo eletrônico que seria produzida por conta dos *tablets* e dos *e-readers*?

Com relação à economia, os mercados livreiros já começaram a fazer grandes vendas de livros eletrônicos, mas ainda não é possível afirmar que o consumo desses itens já é elevado. O mercado vem crescendo, mas ainda a passos curtos. As grandes editoras também já começam a fazer adaptações em suas produções, mas não deixam de investir na fabricação de livros impressos. O futuro é incerto, obviamente.

As limitações desta pesquisa estavam relacionadas ao grande número de informações disponíveis em rede a respeito do tema. Garantir uma correta seleção daquilo que seria de fato interessante constar no trabalho foi desafiador e mais uma vez mostrou que o trabalho do bibliotecário de analisar o grande fluxo de informação disponível hoje se torna cada vez mais necessário. É verdade que todo pesquisador deve ser capaz de selecionar as informações pertinentes ao seu trabalho, mas o bibliotecário possui as melhores ferramentas para filtrar aquilo que é confiável do que é lixo informacional.

As barreiras linguísticas algumas vezes também se mostraram desafiadoras, mas ao mesmo tempo representaram uma motivação para a leitura de textos de universos diferentes ao acostumado. Por esse motivo, este trabalho não pretende esgotar, de forma alguma, o assunto aqui tratado, mas conclui propondo outras investigações que poderão auxiliar os bibliotecários e os cientistas da informação brasileiros a tomarem decisões futuras a respeito do livro eletrônico.

Vale ressaltar também que a aplicação do questionário foi feita para profissionais instruídos, ou que, ao menos, possuíam acesso às redes sociais da Internet. Acreditamos que se o ambiente de pesquisa fosse outro, (feito, por exemplo, com profissionais de bibliotecas públicas mais afastados dos grandes centros urbanos), as respostas seriam diferentes. Fica aqui a sugestão para uma nova pesquisa do gênero, utilizando, contudo, outro público alvo como respondente do questionário.

Foi possível observar também que nenhuma das respostas obtidas com os questionários fazia alusão à políticas de inclusão social para jovens e adultos. Muitas respostas estavam relacionadas a uma função mais social para a biblioteca do futuro, mas nada especificamente para esta questão.

Ainda como sugestão para possíveis trabalhos, citamos os assuntos relativos à biblioteca híbrida: já que é possível que livros eletrônicos e livros impressos compartilhem o mesmo espaço, como seria composta a parcela disponível para cada acervo dentro da biblioteca e como administrar esses espaços com os serviços abordados nesta pesquisa, que poderão (ou não) estarem presentes na biblioteca do futuro?

Para finalizar, sugerimos uma inclusão de forma mais abrangente desta temática como parte dos conteúdos e discussões no curso de Biblioteconomia da Universidade de Brasília.

REFERÊNCIAS

ACESSO aberto. Disponível em: < <http://www.acessoaberto.org/>>. Acesso em: 20 nov. 2011.

ALBANEL, Christine. **Pour un livre numérique créateur de valeurs.** (Contribution remise au Premier ministre François Fillon). França, 2010.

AULETTA, Ken. Publish or perish : can the iPad topple the Kindle, and save the book business ? **The New Yorker**, New York, 2010. Disponível em: <http://www.newyorker.com/reporting/2010/04/26/100426fa_fact_auletta?printable=true>. Acesso em: set. 2011.

BATTLES, Mathews. **A conturbada história das bibliotecas.** São Paulo: Planeta, 2003. 238 p.

BÉHAR, Patrick; COLOMBANI, Laurent; KRISHNAN, Sophie. **Les écrits à l'heure du numérique.** (Une étude Bain & Company pour le Forum d'Avignon). França, 2010.

BENHAMOU, Françoise; GUILLON, Olivia. Modèles économiques d'un marché naissant : le livre numérique. **Culture prospective, Ministère de la Culture et Communication**, França, 2. sem. 2010. Disponível em : <<http://www.culture.gouv.fr/deps>>. Acesso em 31 out. 2011.

BIENVAULI, Hervé. Combien coûte un livre numérique ? **Le Motif**, Paris, avril 2010. Disponível em : <www.lemotif.fr>. Acesso em: 31 out. 2011.

BOERES, Sonia A. de Assis. ARELLANO, Miguel A. **Políticas e estratégias de preservação de documentos digitais**, 2005.

BRASIL. **Um país que não lê**, (Blog pró-leitura) 2010. Disponível em: < <http://blogs.cultura.gov.br/pro-leitura/um-pais-que-nao-le/>>. Acesso em: out. 2011.

BRASIL. **Portal domínio público.** Disponível em: < www.dominiopublico.gov.br>. Acesso em: 31 out. 2011.

BRASIL. **Programa de distribuição de bibliotecas não avança**, (Portal da cultura) 2011. Disponível em: < <http://www.cultura.gov.br/site/>>. Acesso em: out. 2011.

BRASIL. **Todos os municípios terão biblioteca pública**, (Portal da cultura) 2011. Disponível em: < <http://www.cultura.gov.br/site/>>. Acesso em: out. 2011.

BRASIL, Ubiratan. Eletrônicos **duram 10 anos; livros, 5 séculos, diz Umberto Eco.** Disponível em: < <http://www.estadao.com.br/noticias/arteelazer,eletronicos-duram-10-anos-livros-5-seculos-diz-umberto-eco,523700,0.htm>>. Acesso em: 1 dez. 2011.

BURGIERMAN, Denis Russo. O primeiro dia da história. **Superinteressante**, São Paulo, p.52-57, julho 1999.

CARVALHO, Kátia de. **Travessia das letras**. Rio de Janeiro: Casa das palavras, 1999.

CATÁSTROFE em 2012: como uma tempestade solar pode acabar com a energia elétrica na Terra, 2010. Disponível em: < <http://www.tecmundo.com.br/5484-catastrofe-em-2012-como-uma-tempestade-solar-pode-acabar-com-a-energia-eletrica-na-terra.htm#ixzz1b0BWpdKn> >. Acesso em: 3 nov. 2011.

CORRAL, Milagros del. **A cultura do escrito na era da globalização: qual futuro para o livro?** In Eduardo Portella (org.). Reflexões sobre os caminhos do livro. São Paulo, Moderna/UNESCO, 2003.

CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. **Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2008. 451 p.

CUNHA, Murilo Bastos da. Metodologia para estudo dos usuários de informação científica e tecnológica. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília: ABDF, v. 10, n. 2, p. 5-19, jul./dez. 1982.

DARNTON, Robert. **A questão dos livros: passado, presente e futuro**. São Paulo: Companhia das letras, 2010. 231 p.

DES LIVRES numériques avec des fonctions sociales. (Blog le Monde), juin 2010. Disponível em : <<http://lafeuille.blog.lemonde.fr>>. Acesso em : out. 2011.

DUTRA, Fred. **Doação de iPads para escolas norte-americanas**, 2011. Disponível em: <<http://www.mundodostablets.com.br/artigos/doacao-de-ipads-para-escolas-norte-americanas-2/>>. Acesso em: 3 nov. 2011.

E-BOOK reader, 2011. Disponível em: <<http://www.google.com/trends?q=e-book+reader>>. Acesso em: out. 2011.

ECO, Umberto; CARRIÈRE, Jean-Claude. **Não contem com o fim do livro**. Rio de Janeiro: Record, 2010. 269 p.

ECO, Umberto. **Muito além da internet**. (Palestra) Biblioteca de Alexandrina, Egito, 2003.

ESCOLAS americanas adotam iPad em casa e em sala de aula, 2011. Disponível em: <<http://www.publishnews.com.br/telas/clipping/detalhes.aspx?id=61579>>. Acesso em: 3 nov. 2011.

FAVERA, Eduardo Ceretta Dalla. **Lixo eletrônico e a sociedade**. Santa Maria, RS: Universidade Federal de Santa Maria, 2008. Disponível em: <<http://www-usr.inf.ufsm.br/~favera/elc1020/t1/artigo-elc1020.pdf>>. Acesso em: 3 nov. 2011.

FIGUEIREDO, Nice. As novas tecnologias: previsões e realidade. **Ciência da informação**, Brasília, v. 24, n. 1, 1995.

FRANCE. Ministère de la Culture. **Économie du livre** : le secteur du livre : chiffres-clés 2008-2009, 2010. Disponível em : <<http://www.centrenationaldulivre.fr>>. Acesso em : 20 set. 2011.

FUSCO, Camila. **Brasil** importou 64 mil iPads em 2010. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mercado/867821-brasil-importou-64-mil-ipads-em-2010.shtml>>. Acesso em: 3 nov. 2011.

GARATTONI, Bruno. Tempestade solar pode afetar a Terra em 2013: onda emitida pelo Sol pode causar destruição em massa de equipamentos eletrônicos e levar a um caos tecnológico. **Revista Superinteressante**, ago. 2010. Disponível em: <<http://planetasustentavel.abril.com.br/noticia/ambiente/astronomia-nasa-pesquisa-cientifica-tempestade-solar-superinteressante-584813.shtml>>. Acesso em: 25 nov. 2011.

GOVERNO Federal gasta 87 milhões em troca de livros didáticos, 2011. Disponível em: <<http://blogdelauro.blogspot.com/2011/02/governo-federal-gasta-r-87-milhoes-em.html#axzz1cf7ICNmR>> (Blog de Lauro). Acesso em: 3 nov. 2011.

HELGREN, Jamie E. Booking to the future. **American libraries magazine**, United States of America, jan/feb. 2011.

KASER, Dick. Ebook update and outlook: considering your digital collection strategies. **Computers in Library**, Medford, NJ, dec. 2010.

KASER, Dick. Focus on ebooks: report from the Frankfurt book fair. **Computers in Library**, Medford, NJ, jan. 2009.

KATZENSTEIN, Ursula Ephraim. **Origem do livro**: da idade da pedra ao advento da impressão tipográfica no ocidente. São Paulo: Hucitec, 1986. 455 p.

KIRIAKOVA, Maria. *et al.* Target: pilot testing e-book readers in an urban academic library. **Computers in Library**, Medford, NJ, march, 2010.

KON, Martin; GOSALIA, Sujata; PORTELETTE, Edouard. **A new digital future for publishers?** Disponível em: <www.oliverwyman.com>. Acesso em: 20 out. 2011.

LIVRE numérique: du prix unique au prix perpétuel. (Blog le Monde), mai 2010. Disponível em : <<http://lafeuille.blog.lemonde.fr>>. Acesso em: set. 2011.

LISTON, Samuel. First sale rights: Autodesk, Redbox, and the future of libraries. **Computers in Library**, Medford, NJ, dec. 2010.

LIVRO. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Livro>>. Acesso em: 2 set. 2011.

MAGID, Larry. **E-books should get easier to borrow**, 2009. Disponível em: <<http://www.pcanswer.com/2009/08/31/ebooks-shoul-get-easier-to-borrow/>>. Acesso em: nov. 2011.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das letras, 1997.

MANGUEL, Alberto. Sombra. In: MANGUEL, Alberto. **A biblioteca à noite**. São Paulo: Companhia das letras, 2006, p. 95-113.

MARTINS, Wilson. **A palavra escrita: história do livro, da imprensa e da biblioteca**. São Paulo: Ática, 1996.

MELLO, Káthia. **Colégio do DF inclui tablets na lista de material de 2012: Mil alunos do ensino médio vão usar tablets nas aulas no ano que vem. Alunos vão usar material didático digital preparado por professores**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2011/11/colégio-do-df-inclui-tablets-na-lista-de-material-de-2012.html>>. Acesso em: 20 nov. 2011.

MORAES, Rubens Borba de. **Livros e bibliotecas no Brasil colonial**. Brasília: Briquet de Lemos, 2.ed., 2006. 259 p.

MORIMOTO, Carlos. **Tablet indiano chega por US\$ 35, depois de subsídios**, 2011. Disponível em: <<http://www.hardware.com.br/noticias/2011-10/aakash.html>>. Acesso em: out. 2011.

NASA prevê tempestade solar de grande magnitude num futuro próximo, 2011. Disponível em: <<http://www.tecnologiasdeultimogrito.com/nasa-prev-tempestade-solar-de-grande-magnitude-num-futuro-prximo/>>. Acesso em: 3 nov. 2011.

PATINO, Bruno. **Rapport sur le livre numérique**. França : Ministère de la culture et de la communication, Département de l'information e de la communication, Service de presse, juin 2008.

PIMENTEL, Graça; BERNARDES Liliane; SANTANA, Marcelo. **Biblioteca escolar**. Brasília: Universidade de Brasília, 2007. 117 p.

PONTIFÍCIA Universidade Católica de Minas Gerais, Pró-reitoria de graduação, Sistema de bibliotecas da PUC Minas. **Padrão PUC Minas de normalização: normas da ABNT para apresentação de trabalhos científicos, teses, dissertações e monografias**. Belo Horizonte: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2007. 64 p.

POUCO da história do livro e da leitura, um. Biblioteca Virtual do Estado de São Paulo, São Paulo, [20??]. Disponível em: <<http://www.bv.sp.gov.br>>. Acesso em: 31 out. 2011.

RASPIDE, Ylan de. **A qui profite l'e-book ?** Disponível em: <<http://www.slate.fr/print/story/12669/qui-profite-le-ebook>>. Acesso em : out. 2011.

RENNER, Rita A. **E-books: costs and benefits to academic and research librarians**, 2009. Disponível em: <http://www.springer.com/cda/content/document/cda_downloaddocument/eBook+White+Paper.pdf>. Acesso em: 10 out. 2011.

RODRIGUES, Maria Fernanda; COSTA, Ricardo. **Amazonian: Brazilian booksellers, publishers begin big digital push**. April, 2010. Disponível em: <<http://publishingperspectives.com/2010/04/amazonian-brazilian-booksellers-publishers-begin-big-digital-push/>>. Acesso em : out. 2011.

SALAUN, Jean-Michel; ARSENAULT, Clément. **Introduction aux sciences de l'informatio**. Montréal : les Presses de l'Université de Montréal, 2009.

SALAUN, Jean-Michel. **Tout (ou presque) sur l'économie du e-book**, Montréal, Bloc-notes de Jean-Michel Salaun, 2010. Disponível em : <<http://blogues.ebsi.umontreal.ca/jms>>. Acesso em: ago. 2011.

SALON du livre Paris. Disponível em: <www.salondulivreparis.com>. Acesso em: 20 nov. 2011.

SANTOS, Paola. Paul Otlet: um pioneiro da organização das redes mundiais de tratamento e difusão da informação registrada. **Ciência da Informação**. Brasília, v. 36, n. 2, p. 54-63, maio/ago. 2007.

SERVET, Mathilde. **Les bibliothèques troisième lieu: une nouvelle génération d'établissements culturels**. Avril, 2010. Disponível em: <<http://bbf.enssib.fr/consulter/bbf-2010-04-0057-001>>. Acesso em: 20 nov. 2011.

SILVA, Terezinha Elisabeth da. Bibliotecas: metáforas da memória. **Enc. Bibli: Revista eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**. Florianópolis, n. 21, p.85-94, 1. sem. De 2006. Disponível em: <www.periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/download/270/333> Acesso em: 31 out. 2011.

SILVA, Vinícius Farias da. **O papel do e-book reader no presente e no futuro das bibliotecas**. 2011. 120f. Monografia (conclusão de curso) – Universidade de Brasília, Faculdade de Ciência da Informação, Brasília, DF.

STONE, Brad. Stores see Google as ally in e-book market. **The New York Times**, New York, jun. 2010. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2010/06/30/business/30books.htm?_r=1&pagewanted=print>. Acesso em: set. 2011.

SWAFFORD, Jan. **Pourquoi l'ebook ne remplacera jamais les vrais livres**, juil. 2010. Disponível em : <<http://www.slate.fr/print/story/24193/ebook-remplacera-pas-livre>>. Acesso em : out. 2011.

TAILLANDIER, Florent. **Le lecteur d'ebooks de demain sera social**. France, juil. 2010. Disponível em: <<http://www.cnetfrance.fr/blog/le-lecteur-d-ebooks-de-demain-sera-social-39753069.htm>>. Acesso em: nov. 2011.

TOZETTO, Cláudia. **Amazon lança tablet de 7 polegadas para competir com iPad**, 2011. Disponível em: < <http://tecnologia.ig.com.br/amazon-lanca-tablet-de-7-polegadas-para-competir-com-ipad/n1597245890315.html> >. Acesso em: 3 nov. 2011.

TRENDS: What will impact the library in the next few years? Disponível em: < <http://www.cnv.org/nvcl/misc/stratplan/Report%20-%20Lit%20Review%20of%20Public%20Library%20Trends.pdf>>. Acesso em 20 nov. 2011.

APÊNDICES

Questionário 1: Feito aos funcionários de bibliotecas da província de Québec

- 1) Quel est votre domaine professionnel?
- 2) Qu'entendez-vous par livre numérique?
- 3) Vous utilisez des livres numériques? Si oui, par quels moyens?
- 4) Vous saviez qu'il existe déjà des bibliothèques qui prêtent des livres numériques? Que pensez-vous de cette pratique?
- 5) Est-ce que la bibliothèque où vous travaillez prête des livres numériques?
- 6) Si vous avez répondu non à la question précédente, vous souhaitez que la bibliothèque où vous travaillez, prête des livres numériques? Pourquoi?
- 7) Si vous avez répondu oui à la question 5, êtes-vous favorable à ce service? Pourquoi?
- 8) À votre avis, est-ce que la fin des livres imprimés équivaldrait à la fin des bibliothèques? Si oui, pourquoi ? Si non, pourquoi?
- 9) Avez-vous peur de la disparition du livre imprimé? Si oui, pourquoi? Si non, pourquoi ?
- 10) À votre avis, comment seront les bibliothèques du futur ?
- 11) Dans quel type de bibliothèque travaillez-vous?
 - a. Bibliothèque Universitaire
 - b. Bibliothèque Nationale
 - c. Bibliothèque spécialisée
 - d. Bibliothèque de l'école
 - e. Bibliothèque Public
 - f. Autre (préciser)

Questionário número 1, após as modificações, junto com o texto enviado aos trabalhadores da província de Québec (enviado com o questionário original)

Questionnaire sur le Livre Numérique

Je m'appelle Luiza, je suis brésilienne et je suis en train de faire un cours d'échange à l'Université de Montréal. Pour faire mon travail de conclusion de cours, je besoin d'une aide avec cette questionnaire. Vous pouvez m'aider, si vous plaît?

Ce travail consistera à la recherche exploratoire et bibliographique dont la méthode s'est développée en raison des technologies de l'information, plus fréquentes dans les pays développés que dans les pays en développement. L'objectif de cette recherche est d'analyser comment le livre numérique (e-book) est perçu et utilisé par les bibliothèques d'aujourd'hui. Cette recherche vise également à découvrir l'avis du bibliothécaire en ce qui concerne la disponibilité de ce nouveau service sur le marché littéraire, ainsi de faire une comparaison entre l'opinion des bibliothécaires brésiliens et les québécoises.

Je vous remercie pour votre attention.

1) Dans quel type de bibliothèque travaillez-vous? *

- Bibliothèque Universitaire
- Bibliothèque Nationale
- Bibliothèque spécialisée
- Bibliothèque de l'école
- Bibliothèque Publique
- Outro:

2) Vous utilisez des livres numériques ? *

- Oui
- Non

3) Vous êtes favorable à la pratique de prêt des livres numériques dans le bibliothèque où vous travaillez? *

- Oui
- Non

À votre avis, comment seront les bibliothèques dufutur ?

Questionário 2; Feito aos estudantes e bibliotecários do Brasil (da cidade de Brasília, principalmente): Perspectivas brasileiras para o futuro das bibliotecas: o livro eletrônico

Sou aluna de Biblioteconomia da Universidade de Brasília - UnB e estou fazendo uma pesquisa sobre a opinião de pessoas que possuem, de alguma forma, uma ligação com bibliotecas ou com a área de Biblioteconomia em geral. Procuramos saber, em função do recente lançamento de Tablets e e-books no mercado, como poderia ser o futuro das bibliotecas.

Sabe-se da existência de uma certa aversão à leitura de textos em telas de computador, devido à retro-iluminação das telas, radiação, etc. Contudo, a invenção da e-ink (tinta especial que não emite este brilho) pôde tornar essa leitura mais confortável. Quando se pensava que o lançamento dos e-readers (especialmente o Kindle) delinearía o futuro dos livros eletrônicos e um novo hábito de leitura , a Apple lança o iPad e muda o ritmo do mercado. Atualmente, os fabricantes de leitores de livros digitais estão investindo muito mais na fabricação de tablets (que são multifuncionais, mas, em contrapartida, emitem o brilho incômodo aos olhos) do que nos e-readers que funcionam com a e-ink.

(<http://www.correioweb.com.br/euestudante/noticias.php?id=23228>).

Sua participação ajudará no estudo de comparação entre a primeira parte deste estudo já realizada com os bibliotecários da província de Québec-Canadá, e o público brasileiro. As respostas aqui obtidas serão computadas e utilizadas no meu trabalho de conclusão de curso.

A esse respeito, gostaria de ouvir sua opinião respondendo ao questionário abaixo.

Desde já, agradeço pela atenção.

Participação voluntária Sua identidade não será revelada

*Consultar observação.

*Obrigatório

Você é: *

- Estudante de Biblioteconomia
- Estudante de outro curso
- Bibliotecário
- Possui outra ocupação

Em quais situações você utiliza os serviços da biblioteca? *

- Estudo
- Empréstimo de materiais diversos (periódicos, CDs, DVDs, etc.)
- Empréstimo exclusivo de livros
- Referência - auxílio em pesquisas
- Utilizar o computador ou a Internet

Se a biblioteca passasse a fazer o empréstimo de tablets e/ou e-readers ou disponibilizar o download temporário de livros eletrônicos, você leria mais livros ou passaria a pegar livros emprestados? *

- Sim
- Não

Como você acredita que será a biblioteca no futuro? *

Responda apenas se você trabalha ou já trabalhou em alguma biblioteca
Gostaria que a biblioteca em que você trabalha ou trabalhou disponibilizasse Tablets, e-books e e-book readers aos usuários?

- Sim
- Não

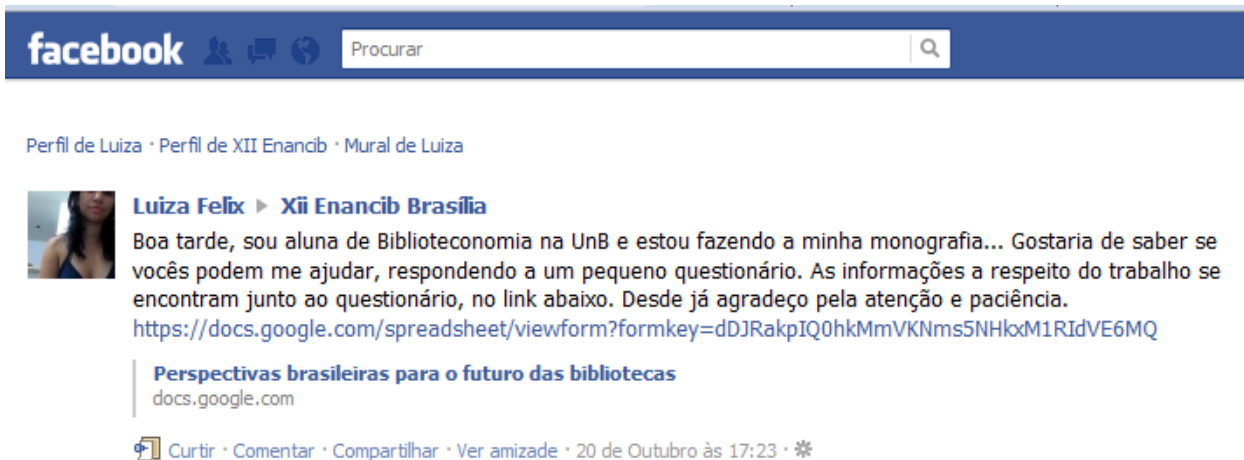
*Observação

Pensando no exposto acima, esclareço ainda que essa participação é voluntária e que você poderá deixar a pesquisa a qualquer momento que desejar e isso não lhe

acarretará qualquer prejuízo. Asseguro-lhe que não haverá qualquer identificação dos respondentes e em hipótese alguma os dados eletrônicos obtidos serão divulgados parcialmente. Estes serão analisados coletivamente. Caso tenha alguma dúvida sobre o estudo, você poderá me contatar pelo telefone (61) 8244-xxxx ou no endereço eletrônico luiza.....@hotmail.com . Se tiver interesse em conhecer os resultados desta pesquisa, por favor, indique um e-mail de contato. Agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.

Respeitosamente, Luiza Felix

Link disponibilizado na página do XII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, o XII ENANCIB. No Facebook



The image shows a screenshot of a Facebook post. At the top, there is a dark blue navigation bar with the Facebook logo, icons for home, messages, and search, and a search bar containing the word "Procurar". Below the navigation bar, there are links for "Perfil de Luiza", "Perfil de XII Enancib", and "Mural de Luiza". The main post is by "Luiza Felix" and is titled "Xii Enancib Brasília". The text of the post reads: "Boa tarde, sou aluna de Biblioteconomia na UnB e estou fazendo a minha monografia... Gostaria de saber se vocês podem me ajudar, respondendo a um pequeno questionário. As informações a respeito do trabalho se encontram junto ao questionário, no link abaixo. Desde já agradeço pela atenção e paciência." followed by a long URL. Below the text is a link titled "Perspectivas brasileiras para o futuro das bibliotecas" with the domain "docs.google.com". At the bottom of the post, there are icons for "Curtir", "Comentar", "Compartilhar", and "Ver amizade", along with the date and time "20 de Outubro às 17:23" and a star icon.